



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão especial de abertura do Ano Judiciário**

**Brasília-DF, 01 de fevereiro de 2007**

Excelentíssima senhora ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto a meu governo,

Senhores ministros e ministras do Supremo Tribunal Federal,

Senhores e senhoras ministros de Estado,

Ministro Marco Aurélio, presidente do Tribunal Superior Eleitoral,

Senhoras e senhoras parlamentares,

Ministro Rafael de Barros Monteiro, presidente do Tribunal Superior de Justiça,

General de Exército Max Hoertel, presidente do Superior Tribunal Militar,

Ministro Ronaldo José Lopes Leal, presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Senhor Antonio Fernando Barros e Silva de Souza, procurador-geral da República,

Senhoras e senhoras presidentes dos Tribunais Regionais Federais, Eleitorais e do Trabalho,

Senhoras e senhores presidentes dos Tribunais de Justiça e Tribunais Militares dos estados,

Senhor Roberto Antonio Busato, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil,

Senhoras e senhores representantes de classe da magistratura,

Servidores e servidoras do Judiciário,

Senhoras e senhores,



Tenho a satisfação de, mais uma vez, participar da abertura do Ano Judiciário. Faço questão de estar presente neste momento, pela oportunidade de reafirmar nosso compromisso com um processo de aproximação e cooperação entre os Poderes da República, em nome do fortalecimento das instituições democráticas e do aprimoramento dos serviços prestados à sociedade. A construção da cidadania e a consolidação do Estado Democrático de Direito é um processo que exige interação entre os agentes do Estado.

O desenvolvimento social e econômico da nação tem como pressuposto a atuação conjunta do Executivo, Legislativo e Judiciário em prol de objetivos comuns. E é importante porque a abertura do Ano Judiciário vem acompanhada de expectativa e de reflexões sobre a necessidade de garantir à população um sistema de Justiça ágil, eficiente e acessível.

Todos aqui presentes têm plena consciência da relevância de se pensar no modelo de Justiça que queremos para o País e de avaliar as propostas e alternativas viáveis para alcançar esse objetivo. É importante frisar que tivemos conquistas significativas nestes últimos anos, que não teriam ocorrido sem o comprometimento e a colaboração do Judiciário e do Legislativo.

A participação dos juízes e tribunais na construção dos anteprojetos que resultaram nas novas normas foi fundamental para que o seu conteúdo e sua redação estivessem orientados na resolução dos problemas reais do dia-a-dia da Justiça brasileira. Por outro lado, o esforço do Congresso Nacional é digno de destaque, reconhecendo a importância de cada uma das medidas e aprovando seu teor sempre por unanimidade, demonstrando que a superação dos gargalos da prestação jurisdicional é um anseio de todas as correntes políticas e ideológicas representadas no nosso Parlamento.

O Poder Executivo, a nosso ver, tem um papel importante nessa discussão. O aprimoramento do Poder Judiciário é uma preocupação que constou na pauta de prioridades deste governo desde o início. E não poderia ser diferente, uma vez que o bom funcionamento do sistema judicial e das



instituições que o compõem é imprescindível para a democracia e a segurança das relações sociais e econômicas indispensáveis ao desenvolvimento do Brasil.

Por isso criamos, no âmbito do Ministério da Justiça, a Secretaria de Reforma do Judiciário, um órgão com atribuições de cooperar e articular junto com as instituições judiciais propostas e projetos para a melhoria da prestação jurisdicional.

O trabalho conjunto nestes quatro anos foi importante para dar destaque a esse tema, inserido nas discussões políticas e na agenda nacional. Os resultados desta parceria foram surpreendentes. Em dezembro de 2004, aprovamos o Pacto por um Judiciário mais Rápido e Republicano, assinado pelos chefes dos três Poderes, com 11 medidas para acelerar o andamento dos processos e democratizar a gestão judiciária. Após dois anos percebemos que os compromissos firmados foram cumpridos e contribuíram significativamente para elevar a distribuição da Justiça a um novo patamar.

A aprovação da Emenda Constitucional 45, que reformulou o marco legal do sistema judicial trouxe novidades importantes, como a criação do Conselho Nacional de Justiça. A existência desse Conselho é fundamental para levar adiante um planejamento estratégico de políticas voltadas para o Judiciário e para conferir transparência à administração da Justiça.

A vedação ao nepotismo, a moralização dos critérios de promoção por merecimento e a regulamentação do teto salarial são um exemplo da atuação marcante deste órgão para o fortalecimento da imagem do Judiciário junto à toda sociedade brasileira.

É importante ressaltar também que esta emenda constitucional conferiu autonomia às Defensorias Públicas nos estados, contribuindo para a estruturação destas entidades indispensáveis para a realização plena do acesso à Justiça pela população carente. Mas, além da reforma constitucional, cabe frisar que este trabalho conjunto permitiu a aprovação, em 2006, de 10



leis que reformularam todo o processo judicial brasileiro.

Qualquer pessoa que já enfrentou um processo na Justiça sabe da demora e das dificuldades em ter seus direitos reconhecidos, suas pretensões atendidas e seu litígio solucionado. São muitos gargalos que transformam o processo, como diz o ministro Márcio Thomaz Bastos, em uma verdadeira corrida de obstáculos sem fim.

Hoje, podemos afirmar que existe um novo processo judicial. As mudanças na execução civil, no regime de agravo, na adoção da súmula vinculante e a regulamentação da prática de atos processuais por meio eletrônico trarão eficiência e rapidez à solução dos conflitos.

Ainda nesse contexto, foi aprovada a lei que permite que as separações, divórcios, partilhas e inventários sejam feitas por escritura pública, diretamente no cartório, sem passar pelo Judiciário, sempre que sejam consensuais e não envolvam incapazes, simplificando esses atos, suprimindo a burocracia e desafogando o Judiciário de milhares de processos.

Meus senhores e minhas senhoras,

Este ano do Judiciário será simbólico. Os magistrados terão um novo instrumental, um novo conjunto de normas que facilitará a sua atividade e a vida de todos aqueles que dependem da Justiça, mas não nos contentamos com isso.

A reforma das instituições é um processo dinâmico e sempre necessário à vitalidade democrática. A sociedade se transforma e devemos acompanhar essas transformações para responder aos anseios, para fazer frente aos novos conflitos que surgirão. Por isso, esta experiência tão exitosa de congregação entre os Poderes deve ser reafirmada e repetida a cada momento, para tornar realidade outros avanços.

Estão em andamento, no Congresso Nacional, propostas de alteração do processo trabalhista e do processo penal, que merecem toda atenção dos agentes públicos envolvidos nesse processo de reforma. No campo trabalhista,



é fundamental fazer com que os conflitos sejam resolvidos rapidamente, seja para preservar de maneira efetiva o direito dos trabalhadores, seja para garantir a estabilidade das regras que regem as relações de emprego no nosso País.

No campo penal, as novas formas de organização criminosa, o delito transnacional, a utilização da informática para a prática de ilícitos deve ser enfrentada por um aparato eficiente. Por isso, mudanças que permitam a rapidez no processo, o aprimoramento na troca de informações entre os agentes de órgãos públicos, no desenvolvimento de instrumento de investigação mais modernos, serão essenciais para combater a nova criminalidade.

Ao lado dessas propostas legislativas é imperativo, por fim, que os representantes dos três Poderes unifiquem esforços para a modernização da administração da Justiça e de todo o Estado brasileiro. O desenvolvimento de sistemas confiáveis de estatísticas, que permitam conhecer os verdadeiros números da Justiça brasileira, a utilização da informática e a racionalização da gestão são gestos imprescindíveis para o aprimoramento na prestação jurisdicional.

Há três anos, o prêmio Innovare, instituído pelo Ministério da Justiça, pela Associação dos Magistrados Brasileiros, pela Fundação Getúlio Vargas e pela Vale do Rio Doce, vem reconhecendo o vigor criativo de juízes de tribunais para criar e aplicar experiências de excelência no campo da gestão dos processos. É tempo de disseminar essas práticas em todo o território nacional e oferecer aos administradores da Justiça, alternativas concretas para a superação dos problemas que cotidianamente envolvem suas atividades.

Já caminhamos muito nesses quatro anos em prol de um novo sistema de Justiça, o que tem correspondido tanto às demandas da sociedade quanto ao empenho dos dedicados integrantes do Judiciário, mas ainda podemos caminhar mais e o Poder Executivo continuará fazendo tudo que estiver ao seu



alcance para que esse processo avance.

A continuidade da reforma processual e a concretização da reforma administrativa são os desafios colocados. Desafios que enfrentaremos conjuntamente, cada qual no âmbito de suas atribuições, mas com a certeza de que o objetivo que nos une é o mesmo, um sistema mais rápido, mais acessível, mais transparente, e enfim, mais justo.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia religiosa do Dia de Recordação das Vítimas do Holocausto**

**São Paulo-SP, 02 de fevereiro de 2007**

Excelentíssimo governador do estado de São Paulo, governador José Serra, e seu vice, Alberto Goldman,  
Excelentíssimo prefeito da cidade de São Paulo,  
Nosso governador da Bahia, Jaques Wagner,  
Dom Geraldo Magela,  
Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,  
Nosso querido Henry Sobel, presidente do Rabinato,  
Deputados aqui presentes,  
Meus amigos e minhas amigas,

Agradeço à senhora Lúcia Brenner, presidente da Congregação Israelita Paulista, ao rabino Sobel, presidente do Rabinato da SIP, e a Abraham Goldstein, presidente da B'nai B'rith, o convite para participar desta cerimônia em recordação às vítimas do Holocausto.

É, realmente, uma honra participar desta solenidade na sede da Congregação Israelita Paulista, uma organização que existe há mais de 70 anos, que nasceu com o intuito de servir de refúgio e abrigo a milhares de judeus que buscaram no Brasil a paz que lhes foi tomada pelas perseguições em seus países de origem.

Ao me pronunciar aqui, nesta sinagoga, não posso deixar de agradecer a Deus pela oportunidade que me deu de governar um país e um povo de profunda vocação democrática. Em sintonia com essa vocação, e na qualidade de presidente da República, tenho investido para aprimorar, cada vez mais, mecanismos que impeçam a proliferação da discriminação, da intolerância e do preconceito contra a comunidade judaica ou qualquer outra comunidade.

Nosso País tem boas leis. O racismo e o anti-semitismo são crimes inafiançáveis. Mas é claro que a lei não é suficiente para impedir o aparecimento de anti-semitas, racistas, intolerantes e preconceituosos. A lei

nos dá, sim, a garantia de poder puni-los.

Por isso, é fundamental a formação de um escudo de proteção contra esses crimes, formado pelas instituições, práticas e organizações democráticas da nossa sociedade. O governo vem se empenhando para fortalecer esse escudo. A sociedade tem que estar preparada para corrigir as eventuais falhas do nosso governo.

A comunidade judaica, toda e qualquer comunidade, grupo étnico ou religioso, tem total garantia do nosso governo. Duas Secretarias Especiais, com status de Ministério, ligadas diretamente à Presidência da República, têm sua atuação principal voltada para a defesa dos direitos humanos e a promoção da igualdade racial. A primeira é a própria Secretaria Especial de Direitos Humanos, comandada pelo nosso companheiro Paulo Vannuchi. Todos aqui já sabem que quando é acionada, essa Secretaria não se omite.

Lembro, por exemplo, as pichações das suásticas dos muros da Sinagoga de Santo André e o das bombas em Campinas. Eu espero que esse tipo de provocação nunca mais aconteça, mas se acontecer, quero deixar aqui um pedido muito claro: comuniquem imediatamente, que nós não poderemos permitir essa intolerância, sobretudo, que se repita, e que venha a ser cometida contra os judeus.

A segunda é a Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, que conta, no seu Conselho, com a senhora Anita Schuartz, representante ativa da Conib, a Confederação Israelita Brasileira. Ela já deve ter relatado a vocês o quanto a ministra Matilde tem trabalhado para solucionar situações conflitivas. Ainda é preciso registrar o trabalho extraordinário do ministro Márcio Thomaz Bastos, da Justiça, através da Polícia Federal, que vem investigando todas as ações criminosas anti-semitas ou nazistas pela internet. Em resumo, todo o Brasil e todo o governo estão orientados a agir sem tréguas contra qualquer forma de discriminação e de intolerância.

Reiterei isso, no primeiro dia deste ano, quando diversas representações da comunidade judaica estiveram em Brasília, prestigiando a minha posse. Nesse dia, também, ressaltai que as resoluções dos grandes problemas mundiais, como as persistentes desigualdades econômicas e financeiras entre as nações, o protecionismo comercial dos grandes, a fome e a inclusão dos deserdados, a preservação do meio ambiente, o desarmamento e o combate

adequado ao terrorismo e à criminalidade internacional não evoluíram tanto quanto seria preciso, ou seja, a paz e a democracia ainda estão ameaçadas em muitas partes do mundo.

Nesse sentido, foi muito importante que a ONU tenha instituído, a partir de 2006, o Dia Internacional de Recordação das Vítimas do Holocausto. Melhor ainda, foi a Assembléia Geral da ONU ter aprovado, na semana passada, a Resolução que condena, sem nenhuma reserva, qualquer negação ao Holocausto. Essa mesma Resolução pede que todos os Estados membros rejeitem, sem reservas, qualquer negação do Holocausto como fato histórico, seja no todo ou em parte, e que condene, também, qualquer atividade que tenha esse fim. O Brasil foi co-patrocinador dessa Resolução, aprovada por consenso com a presença de um número expressivo de países. Nesse aspecto é importante registrar a atuação exemplar do ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim.

Cada vez que rendemos homenagem às vítimas do Holocausto, estamos ampliando as forças para impedir que esses horrores se repitam. Aos que foram assassinados, aos que sobreviveram, aos que acolheram os sobreviventes, aos que sublevaram nos campos de concentração e aos que resistiram nos guetos, a todas as vítimas do Holocausto, quero render as minhas homenagens. Esses heróis não lutavam por si próprios, mas para salvar a honra de um povo inteiro, para dar um exemplo de resistência à toda a Humanidade. Penso que cada palavra nossa de repúdio e de condenação a um anti-semitismo e à intolerância, cada esforço nosso para se contrapor às ofensas e agressões, cada gesto de solidariedade em favor dos ofendidos, tudo isso constitui o elo mais forte que nos une às vítimas do Holocausto.

Meu caro amigo Henry Sobel, irmãos e irmãs da comunidade judaica, meu caro governador José Serra, Jaques Wagner, prefeito Gilberto Kassab,

Nós não podemos, no século XXI, aceitar a hipótese da negação dos fatos históricos do século XX, sobretudo quando esses fatos estão provados por vítimas, parentes de vítimas e reconhecido por todas as instituições democráticas do planeta Terra. No século XXI, nós não podemos aceitar a negação do Holocausto como fato histórico. Não poderemos aceitar a discussão, se foram seis milhões ou cinco milhões e 999 judeus que foram massacrados.

O que nós precisamos discutir, no século XXI, é que, ainda que tivesse sido apenas um judeu vítima do Holocausto, nós não deveríamos estar rediscutindo a história. Mas deveríamos assumir o compromisso, enquanto cidadãos defensores dos direitos humanos, cidadãos defensores da democracia e cidadãos defensores da convivência democrática na adversidade, de dizer ao mundo, no século XXI, ao invés de discutir se houve ou não Holocausto no século XX, nós temos que afirmar, em alto e bom som, que nunca mais haverá Holocausto na face do nosso planeta.

Muito obrigado. Shabat Shalom.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Estação de Tratamento de Esgoto Anhumas Campinas-SP, 02 de fevereiro de 2007**

Meu querido companheiro Hélio de Oliveira Santos, prefeito de Campinas,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Tarso Genro, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Nossa querida Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu caro Carlos Zarattini, deputado federal,

Meu caro Aurélio José Cláudio, presidente da Câmara Municipal de Campinas,

Meu caro Ulisses Nascimento, presidente do Conselho de Administração da Camargo Corrêa, empresa responsável por esta obra,

Meu caro Luiz Augusto de Aquino, presidente da Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento – Sanasa,

Meus companheiros Paulo Frateschi,

Meus companheiros prefeitos das cidades da grande região metropolitana de Campinas,

Meus companheiros vereadores, secretários, jornalistas,

Meus companheiros e companheiras de Campinas,

Primeiro, eu quero fazer, de público, um agradecimento ao prefeito de Campinas. Eu digo sempre que companheiro e amigo a gente não encontra em qualquer esquina, em qualquer rua, eles aparecem no momento em que você precisa de um companheiro. Eu não poderia começar este meu discurso aqui, sem dizer ao povo de Campinas, aos companheiros dos partidos políticos que estão aqui, aos empresários, aos prefeitos e à imprensa, que o companheiro Hélio teve um comportamento de lealdade e companheirismo com o governo federal, nos momentos mais difíceis que passamos há dois anos. O companheiro Hélio, em nenhum momento, mesmo quando o seu partido fazia

oposição ao governo, o companheiro, em todos os atos públicos, em todas as manifestações, estando eu presente ou não, o Hélio era um homem que atestava a idoneidade pessoal e a idoneidade do governo.

Por isso, Hélio, agora que eu já ganhei as eleições, tenho mais quatro anos de mandato para fazer muito mais pelo Brasil, eu quero, de público, dizer do meu reconhecimento pela demonstração de companheirismo e lealdade que você demonstrou nesse tempo em que eu sou presidente da República. Muito obrigado, eu espero poder um dia retribuir o que você fez por mim, porque tem gente que é companheiro só em dia de festa. Esses, na verdade, não são companheiros, são parasitas. E tem aqueles companheiros que são companheiros 24 horas por dia, 365 dias por ano e por toda a vida. Esses têm um valor incomensurável que a gente não pode esquecer nunca.

Bem, vocês se lembram que eu estive em Campinas em 2004 para inaugurar a Estação de Tratamento de Esgoto do Piçarrão e, hoje, mais uma vez, estou aqui para entregar a maior obra de saneamento do interior do País, e que mereceu um grande aporte de recursos públicos. Esta obra, entre dinheiro da Caixa Econômica Federal e dinheiro da própria empresa, são praticamente 56 milhões de reais, dos quais 64% são financiamento da Caixa Econômica Federal, dinheiro da Poupança e do Fundo de Garantia, e o restante é da própria cidade de Campinas.

Na verdade, ao inaugurar uma obra como esta, sinto que estamos lançando um novo marco da reativação dos investimentos em saneamento do País. O nosso governo transformou o saneamento em prioridade nacional, contrariando o que dizem as tradicionais cartilhas da política brasileira. Todos vocês sabem que muitos dirigentes nunca se interessaram em investir no que eles chamam de “obra enterrada”, ou seja, que ninguém vê e, portanto, não trazem nenhuma vantagem política. Durante muito tempo, entre fazer um encanamento para coletar esgoto e fazer uma ponte, mesmo onde não passasse ninguém, era melhor fazer a ponte porque daria para colocar o nome de alguém naquela ponte e no gasoduto ou no “esgotoduto”, não é possível colocar o nome, porque está embaixo da terra. Talvez esse tipo de cálculo político menor explique por que o País ainda hoje precisa realizar tamanho esforço para melhorar as suas condições de saneamento básico.

No caso desta obra, estamos falando em benefícios incontestáveis para

mais de 250 mil famílias, de forma direta, e mais 2 milhões de famílias de forma indireta. Portanto, é uma obra que beneficia diretamente 250 mil famílias de Campinas e, indiretamente, beneficia 2 milhões de pessoas das cidades que fazem parte do entorno de Campinas. Nós estamos falando da melhoria da qualidade da água captada em toda da Bacia do Rio Piracicaba. Enfim, nós estamos falando de saúde e do bem-estar da população desta região.

Meus companheiros e companheiras,

O princípio que norteia o Programa de Aceleração do Crescimento é o de combinar ações que melhorem o ambiente econômico, estimulem o investimento e, ao mesmo tempo, enfrentem e superem o passivo social já existente no nosso País. Os investimentos em infra-estrutura, previstos no Programa de Aceleração do Crescimento, que inclui saneamento e habitação, apontam, de forma objetiva, para esse compromisso maior de cuidar da vida das pessoas no Brasil.

O PAC prevê, até 2010, investimento de 40 bilhões de reais em saneamento básico e 106 bilhões de reais em habitação. Ao todo, são 146 bilhões de reais em quatro anos. Desse total de 146 bilhões, 36 bilhões serão investidos somente este ano que está começando agora. O PAC triplicou os recursos para habitação e contemplou as reivindicações históricas para o saneamento. Até 2010, as ações em saneamento, Hélio, irão atender 22 milhões de domicílios no Brasil. Em habitação, irão beneficiar mais de 4 milhões de famílias no Brasil. Esse volume de recursos não tem precedentes na história do País. Ele é resultado de um longo esforço, que contou com a participação indispensável da sociedade civil e do Congresso Nacional.

E mais: recentemente foi aprovada a Lei do Saneamento, depois de 12 anos do veto da primeira tentativa. Eu vou mostrar para vocês o que significa atrasar um país. Em 1995, foi aprovada uma Lei de Saneamento neste País, ela foi vetada na íntegra. A lei que nós aprovamos agora é, praticamente, a mesma lei que tinha sido vetada em 1995, significa que nós atrasamos o país em 12 anos, quando a gente já poderia ter uma evolução extraordinária na regulação da política de saneamento no nosso País.

Também foram aprovadas mudanças nos instrumentos de financiamento da habitação, com destaque para a criação do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social. O primeiro projeto popular encaminhado ao Congresso

Nacional e aprovado 13 anos depois de rodar pelo Congresso Nacional. Os resultados são claros. Estamos conseguindo reverter a injustiça que predominava na destinação de recursos para habitação, passando a beneficiar de forma predominante as famílias com renda até 5 salários mínimos, que representam, hoje, 96% de todo o déficit habitacional do nosso País. Prestem atenção: 96% das pessoas que precisam de casa neste País e que não têm casa, ganham até 5 salários mínimos. Por isso é que nós estamos priorizando esta faixa de renda da sociedade, obviamente, sem esquecer que nós precisamos, também, das linhas de financiamento para construir casas para os setores médios da sociedade, que precisam de tanta proteção quanto precisam as camadas pobres.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Incluímos também, Hélio, no PAC, a ampliação do limite de crédito do setor público para investimentos em saneamento e habitação, e regulamentamos a Lei dos Consórcios, que facilita o enfrentamento, em conjunto, pelos municípios, dos seus problemas comuns. Prefeitos que estão aqui, esta é uma lei importante, porque às vezes um prefeito sozinho não consegue ter o financiamento. Um conjunto de cidades pode constituir-se num consórcio e vai ficar muito mais fácil pegar o dinheiro para resolver o problema da cidade. O Comitê da Bacia do Piracicaba, por exemplo, é uma referência para todo o País de como lidar com problemas que extrapolam a capacidade de investimento e as fronteiras dos municípios.

Caro companheiro Hélio,

Ao lhe dar os meus parabéns por esta obra, reafirmo que os recursos empregados para melhorar as condições de habitação e de saneamento são, na verdade, investimentos em saúde, em geração de empregos e na melhoria da qualidade de vida da população. E mesmo que seus benefícios não sejam percebidos imediatamente, tenha certeza de que as crianças, a juventude de hoje, e as futuras gerações desfrutarão dos resultados deste investimento, porque nós sabemos que 65% das doenças, no Brasil, são causadas por falta de saneamento neste País. O que se deixou de fazer no passado, cobra, hoje, o seu preço na forma de doenças evitáveis, altos índices de mortalidade infantil e epidemias que atingem, sobretudo, as populações mais carentes do nosso País. Mas, felizmente, essa realidade está mudando e temos todas as

condições de melhorar, e melhorar muito, as condições de vida do nosso povo, promovendo, cada vez mais, maior desenvolvimento e justiça social.

Quero, mais uma vez, dar os parabéns ao prefeito Hélio, à direção da empresa de Saneamento de Campinas e, sobretudo, dar os parabéns ao povo de Campinas, porque se acontecer o que o Hélio afirmou e o que nós estamos prevendo... se chegar ao final do mandato do Hélio e Campinas estiver com 82% de esgoto coletado e tratado, eu posso dizer que, no final do meu mandato, Campinas poderá estar com 100% do esgoto coletado e tratado, porque esta é uma região muito nobre deste País.

Quando as pessoas passarem aqui em frente e virem este monstro de construção, é importante lembrar que isto aqui está captando grande parte do esgoto de Campinas e está devolvendo água, não ainda potável para beber, mas água de boa qualidade ao próprio rio. Água que não se pode beber, mas que pode servir para a indústria, que pode servir para lavar carros, que pode servir para fazer uma série de coisas, porque o mundo caminha para um momento em que a gente não pode estar lavando carro com água potável, porque está ficando cada vez mais rareada a água potável. Hoje a gente fala do preço da gasolina, mas, na verdade, a gente paga, em uma garrafa de água para beber, mais caro do que o litro de gasolina. Durante muito tempo não houve responsabilidade e não se cuidou nem das matas e nem dos rios com o cuidado que deveriam ter cuidado, e é a nossa geração que vai ter que cuidar para que os nossos filhos e netos não sejam vítimas e não nos culpem por irresponsabilidade ou omissão.

Nós, agora, estamos assistindo uma preocupação mundial com o desmatamento, uma preocupação de todo o mundo. O governo americano está preocupado, o governo francês está preocupado, o governo inglês está preocupado. E no Brasil, nesses últimos dois anos, nós diminuimos o desmatamento da Amazônia em 52%. Mas não basta a gente diminuir o desmatamento no Brasil, é preciso que eles tenham responsabilidade e parem com a emissão de gases das suas indústrias poluidoras. Os Estados Unidos e os países desenvolvidos são responsáveis por 75% da poluição de gás, da emissão de gás. Portanto, o Brasil está fazendo a sua parte, o Brasil está cuidando de evitar o desmatamento, o Brasil está criando energia renovável, nós somos campeões na produção de álcool, nós somos campeões na

produção de biodiesel e, se Deus quiser, nós seremos campeões na produção de energia limpa. Mas não basta a gente cuidar do nosso terreiro, é preciso eles cuidarem do terreiro deles, porque o mundo rico está cansado de assinar protocolo. Em cada conferência mundial, todo mundo assina um documento, mas eles não cumprem, porque não têm coragem de enfrentar as indústrias poluidoras.

Por isso, Hélio, esta sua obra é muito significativa. Esta obra é uma obra que passa a dar para Campinas não apenas uma melhoria da qualidade de vida, mas passa a dar para Campinas o orgulho de ser campineiro, porque é uma cidade que colocou o saneamento básico como prioridade, não apenas obras das quais possam ser tiradas fotografias para se utilizar em campanhas eleitorais.

Quem vai te agradecer, Hélio, por este momento que estamos vivendo aqui, hoje, possivelmente não sejamos nós. Mas amanhã, quando uma criança, que hoje é criança, não tiver os problemas de doenças que existem hoje nas grandes regiões metropolitanas deste País, as pessoas irão agradecer o dia em que Campinas teve um prefeito que colocou o saneamento como prioridade.

Meus parabéns. Que Deus te ajude e que Deus ajude o povo de Campinas a continuar nessa trajetória.

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da planta de polipropileno da Petroquímica Paulínia S.A.**

**Paulínia-SP, 02 de fevereiro de 2007**

Senhor vice-governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,  
Senhor ministro das Cidades, Márcio Fortes,  
Senhor ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, Tarso Genro,  
Nossa querida Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,  
Deputado Carlos Zarattini,  
Meu caro companheiro Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,  
Meu caro Edson Moura, prefeito de Paulínia,  
Meu caro José Carlos Grubisich, presidente da Braskem,  
Meu caro Luiz de Mendonça, presidente do Conselho da Petroquímica Paulínia,  
Meus amigos, minhas amigas,  
Trabalhadores,  
Jornalistas,

Essa é uma pedra fundamental atípica, porque ao lançarmos a pedra fundamental hoje, nós já saímos daqui com o compromisso de voltar em abril para inaugurar a fábrica. Portanto, já tem data para a gente inaugurar essa empresa.

Mas o que é importante é que o lançamento dessa pedra fundamental de uma nova fábrica de polipropileno vai muito além do ato simbólico que marca o início de uma obra. Aqui, o público e o privado se deram as mãos para atender demandas reais da sociedade brasileira. Ao lado da Refinaria do Planalto, Braskem e Petroquisa, subsidiária da Petrobrás, se juntaram na construção de uma indústria – a Petroquímica Paulínia – que vai produzir, distribuir e vender polipropileno no Brasil e no exterior.

É importante registrar que o contrato entre as duas empresas foi firmado em setembro de 2005, quando já estava clara, na cabeça de muitos empresários, a possibilidade de recuperação econômica do nosso País. E o aumento firme do consumo, por toda a população, revelava a recuperação do salário, o crescimento do emprego, o

controle da inflação, a diminuição da pobreza e a melhoria da distribuição de renda.

Por esses indicadores, os empresários entenderam que era necessário ter oferta para se antecipar à inevitável demanda, principalmente de um produto que, atualmente, está em praticamente tudo que a gente compra. Ou seja, a resina plástica também serve como indicador do acesso cada vez maior de todas as camadas da população aos bens de consumo. De fato, nos últimos anos, o consumo anual per capita de todos os tipos de plástico aumentou mais de 10%, e o de polipropileno mais de 15%.

Bem, feitas as contas, tudo indica que, de três em três anos, quem sabe no máximo de quatro em quatro, o Brasil vai necessitar de uma nova fábrica como esta, no mínimo com capacidade de produzir cerca de 300 mil toneladas por ano.

Temos certeza de que o empresariado investirá cada vez mais para suprir essa demanda crescente, certamente construindo fábricas próximas às subsidiárias da Petrobrás, que fornecem o propeno para a produção do polipropileno. São indústrias que – como os senhores e as senhoras sabem – têm condições de gerar extraordinário valor agregado à sua produção. No caso desta unidade, as exportações deverão atingir 41 milhões de dólares por ano.

Meus amigos e minhas amigas,

O governo, considerando a importância estratégica da construção desta fábrica, a integrou ao Plano de Aceleração do Crescimento, no âmbito dos investimentos da Petrobrás. Ela passa agora a ter prioridade na sua execução e no cumprimento do seu cronograma. E, se Deus quiser, como eu avisei, em abril, estarei de volta para inaugurá-la.

Os recursos e os benefícios sociais envolvidos na construção desta nova unidade de produção de polipropileno são enormes. Serão investidos cerca de 740 milhões de reais, dos quais mais de 82% na execução de serviços e na aquisição de equipamentos no Brasil. O BNDES está financiando 67% desta obra.

É preciso destacar também que, durante as obras, serão gerados 1.500 empregos diretos e mais de 4.500 empregos indiretos. E quando a unidade estiver funcionando, além dos duzentos funcionários fixos necessários à sua operação, uma nova cadeia fabril se formará em torno dela, possibilitando, para a alegria do prefeito de Paulínia, pelo menos mais uns 20, 25 mil empregos na região, empregos que, eu espero, sejam formais, com carteira profissional assinada e tudo mais que os trabalhadores terão direito.

Quero destacar que a Petrobrás vai investir exatos 3 bilhões e 100 milhões de

dólares até 2011 em projetos do ramo petroquímico, alguns deles em associação com o setor privado, como este que estamos hoje participando da pedra fundamental. Não há dúvida de que a Petroquímica é uma indústria de base fundamental para o crescimento do nosso Brasil.

São muitos os investimentos nesse campo. Vamos desenvolver o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, que é, possivelmente, o maior investimento do setor para os próximos anos. A Companhia Petroquímica de Pernambuco vai produzir resina de poliéster e pet, com início previsto para 2009. O Complexo Acrílico de Minas Gerais também contará com a associação da Petroquisa e com a iniciativa privada. A própria Braskem deverá participar de mais um projeto, dessa vez na querida Bahia, onde mora o nosso querido Emílio, e a Companhia Suzano, associada ao BNDES e à Petroquisa, deverá ampliar os investimentos na Rio Polímeros.

Todos esses projetos, construções e ampliações, são prioritários para o desenvolvimento do Brasil. Por isso, estão no Programa de Aceleração do Crescimento, que dá prioridade e condições efetivas de execução, garantindo o maior crescimento da nossa economia, cada vez com mais empregos, oportunidades de trabalho e geração de renda e justiça social.

O que é importante, meu caro José Sérgio Gabrielli, meus caros dirigentes da Braskem, meu caro Alberto Goldman, vice-governador, é que depois de longos e longos anos, praticamente 26 anos, em que a economia brasileira esteve de forma acanhada, ora por crises econômicas, ora por crises políticas, nós entramos em 2007 numa situação que há muitos e muitos anos o Brasil não vivia. Estamos numa situação em que podemos anunciar à sociedade brasileira o Programa de Aceleração da Economia, onde estão previstos, entre o governo e as empresas, praticamente um investimento de 504 bilhões de reais em 4 anos. Se for verdade a teoria de que para cada real que o governo colocar e a empresa pública colocar, se a iniciativa privada colocar um real, significa que nós poderemos chegar a 1 trilhão de investimentos nos próximos anos.

E isso se faz necessário no momento em que o Brasil está com a sua macroeconomia consolidada, em que os números todos são extremamente favoráveis. Ainda ontem eu recebi um informe do Ministério da Indústria e Comércio, e enquanto alguns diziam que as exportações brasileiras iriam cair este ano, em janeiro, outra vez, nós batemos um novo recorde nas nossas exportações, ultrapassando a casa dos 10 bilhões de reais, com uma coisa importante também, aumentando as importações, para a alegria daqueles que acham que o câmbio precisa ter um certo ajuste. E uma das formas

de ajustar o câmbio é exatamente aumentando as importações. Eu espero que o crescimento das importações tenha se dado exatamente em setores que possam significar aprimoramento tecnológico da indústria nacional, importando aquilo que nós não produzimos, aquilo que falta, para que a gente possa se equipar melhor do ponto de vista tecnológico.

Eu, este ano, vou viajar o Brasil mais do que já viajei em qualquer outro momento, porque o acompanhamento do PAC será feito cotidianamente. Nós teremos um calendário de cada obra, de cada dificuldade, de cada licenciamento prévio, de cada dia de atraso, porque eu aprendi, nos primeiros quatro anos de mandato, que se o presidente da República não tiver tomando conta do rebanho, a gente pode ver as reses se perderem por esse imenso território de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados.

Todo mundo aqui sabe e, se conversarem com qualquer presidente da República ou qualquer governador de estado, e até com qualquer prefeito deste País, certamente vocês vão ouvir que muitas vezes se decidem as coisas, se anunciam as coisas e elas não acontecem. E é verdade. E não acontecem, muitas vezes, porque até em legislação, neste País, tem coisas que impedem, tem um tempo para se fazer as coisas, tem uma máquina pública poderosa, competente, mas cumpridora de uma legislação muitas vezes rígida demais. Quem trata de grandes investimentos aqui sabe as dificuldades que nós temos, muitas vezes, para resolver determinados problemas. Tudo isso terá um acompanhamento “pente fino” e é por isso que nós utilizamos a palavra destravamento deste País.

A verdade nua e crua é que o País tem que ser destravado, o estados têm que ser destravados, as prefeituras têm que ser destravadas, porque entre a vontade de fazer e acontecer, tem um caminho burocrático infundável em que, muitas vezes, um prefeito anuncia uma obra, termina o mandato e a obra não começa. Nós, então, resolvemos assumir a responsabilidade disso fazendo com que o Congresso Nacional seja o nosso parceiro para que a gente possa destravar e os empresários sejam os nossos parceiros para ajudar a convencer as pessoas que precisam destravar este País.

Aqui, os grandes empresários que cuidam de energia, sabem perfeitamente bem que entre a gente decidir fazer uma hidrelétrica e começá-la, leva muito tempo. Leva tempo, às vezes, até demais, por nuances jurídicas, por problemas ambientais, por problemas de muitos órgãos envolvidos na liberação, na autorização. E tudo isso nós colocamos no PAC como compromisso do governo resolver para que este País saía do patamar de crescimento de 2%, 2,5%, 3%, e entre definitivamente num crescimento de

5%, de mais de 5%, porque essa é a vocação do Brasil.

Se vocês analisarem que nós estamos em 2007 e que a economia brasileira vem capengando desde 1980, significa que nós temos algumas gerações no Brasil pelo menos uma geração e meia, que não tiveram o prazer ainda de ver o País crescer, como eu vi o Brasil crescer 8%, como eu vi o Brasil crescer 13%, como eu vi o Brasil crescer, em média, 10%.

Qual é o desafio que está colocado para nós, agora, neste momento? É que houve momentos em que o Brasil cresceu 13,94%, em 1973, no auge do milagre brasileiro, mas a inflação também era muito alta. Houve um momento em que nós crescemos, em média, 7%, de 1956 a 1961, no governo Juscelino Kubitschek, mas a inflação era, em média, 23%. E nesses dois auges do crescimento da economia brasileira, o salário mínimo decrescia, não acompanhava o crescimento da economia.

Nesse momento, nós queremos provar ao Brasil e ao mundo que é possível crescer com inflação baixa, que é possível aumentar as exportações sem asfixiar o mercado interno, que é possível aumentar a demanda de consumo dos brasileiros sem retornar a inflação, e que é possível a gente continuar aumentando a renda dos mais pobres deste País, porque crescimento para alguns é apenas um número fictício de uma estatística, para mim, o crescimento simboliza pura e simplesmente a melhoria da qualidade de vida de homens e mulheres deste País. É para isso que importa o País crescer, é para isso que justifica todo o sacrifício que nós vamos fazer. E é para isso que nós queremos contar com trabalhadores e com empresários, porque essa parceria entre trabalhadores e empresários pode canalizar a classe política brasileira a deixar brigas menores entre partidos e entre personalidades e assumir um compromisso com este País.

O PAC não é um projeto do presidente Lula, o PAC não é uma necessidade do governo, o PAC é uma necessidade deste País, e o PAC é um projeto que tem começo, meio e fim. É um projeto que vai ser fiscalizado não apenas pelo governo, mas por um conselho gestor criado pelo governo. Ainda ontem, com a Abdib, eu pedi para que eles montassem um grupo de trabalho também para fiscalizar, porque o que nós queremos, na verdade, é dizer ao Brasil que esse Programa de Aceleração do Crescimento não é apenas de interesse do governo, é de interesse da sociedade brasileira, sobretudo daqueles jovens que ainda não adentraram o mercado de trabalho porque, depois que a economia voltar a crescer de forma vigorosa, serão os jovens brasileiros os grandes beneficiários.

Dentro do PAC está a história do pólo petroquímico porque o Brasil não pode ter

a indústria petroquímica como um apêndice do seu modelo de política industrial. O Brasil precisa ter consciência de que nós temos condições, e é muito importante a nossa querida Petrobras assumir essa responsabilidade, não de querer controlar todo o setor, mas de querer ser a peça indutora do crescimento desse setor, porque o Brasil pode ser um dos países de maior potência na indústria petroquímica do mundo. Nós temos tecnologia, temos empresários com competência e temos a Petrobras, que é um centro de excelência para fazer as parcerias, participando ora como sócio minoritário, ora como parceiro em igualdade. Em alguns casos ela vai ser majoritária, mas a Petrobras tem que ter noção da sua grandeza, da sua missão, e a Petrobras, José Sérgio, não pode ter medo de competir e de entrar em nenhum projeto, desde que o resultado seja o benefício para o nosso País.

Eu estou otimista com o pólo petroquímico, acho que nós vamos definir uma política definitiva na indústria petroquímica para o Brasil, para que o Brasil tenha uma dimensão na indústria petroquímica como ele tem dimensão hoje no álcool, como tem dimensão no petróleo, como tem dimensão em outros produtos em que nós somos predominantes no mundo.

A vocês da Braskem, a vocês da indústria petroquímica, e aos nossos queridos companheiros da Petrobras, eu desejo que outras parcerias sejam feitas para que a gente venha participar do lançamento de outras pedras fundamentais.

Obrigado, boa sorte a todos vocês.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento da Política de Biotecnologia**

**Palácio do Planalto, 08 de fevereiro de 2007**

Excelentíssimo senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Excelentíssimo presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia,

Meus queridos companheiros ministros, Luiz Furlan, da Indústria, Comércio e Desenvolvimento; Luís Carlos Guedes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; José Agenor Álvares, da Saúde; Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Nosso querido Cláudio Roberto Langone, interino do Meio Ambiente,

Líder do governo no Senado, Romero Jucá,

Deputados federais Jorge Bittar, Luiz Cláudio e Walter Pinheiro

Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Professora Maria Sueli Soares Felipe, diretora do Instituto de Biotecnologia da Universidade de Brasília,

Meu caro José Fernando Perez, presidente da Biofarma,

Meus amigos, minhas amigas,

Demais empresários,

Cientistas,

Pesquisadores,

Agora eu estou vendo o deputado Décio, é tão novo que não entrou na nominata aqui. Não perde por esperar, vai entrar em todas.

Nosso querido professor Exedito Parente – de vez em quando eu o confundo – nosso homem mais importante na área do biodiesel.

Nossos companheiros de área de Saúde da Fiocruz,

Meus amigos e minhas amigas,

Minha querida companheira Marisa,

O Brasil finalmente consolida sua presença na rota da inovação em âmbito nacional. Todos sabemos da singular capacidade que tem a ciência

para impulsionar o desenvolvimento e realizar o potencial humano na face da Terra.

Essa característica mudou de patamar nas últimas décadas. Hoje, mais do que nunca, a tecnologia desloca e amplia o campo do possível, alarga os limites das nossas ações e a dimensão da nossa presença no Planeta.

Esse poder de reinventar o tempo e o espaço da história, autoriza o entusiasmo com a pesquisa e a tecnologia. Todavia, reafirma também a necessidade de encarar a ferramenta como uma extensão do corpo; não o contrário. Portanto, como instrumento da vontade ética e democrática da sociedade. Um meio para responder aos desafios do nosso tempo, sem estreitar o tempo dos que virão depois de nós.

Minhas senhoras e meus senhores,

No inquieto amanhecer do século XXI são nítidos os sinais da emergência que batem à nossa porta. Mais nítida ainda é a percepção de que só a força da cooperação entre a democracia, a ciência e a economia poderá equacionar o alerta social e ambiental que nos convoca e desafia.

A biotecnologia deve ser entendida como uma ponte entre o desenvolvimento e a natureza para alcançar o futuro sustentável pelo qual tanto lutamos e ansiamos.

Há mais de 11 mil anos, o ser humano já recorre à biotecnologia. Na seleção e desenvolvimento de espécies, na busca das mais resistentes e produtivas, conquistamos o excedente agrícola necessário para aprimorar as formas de viver e de produzir em sociedade.

A universalização de vacinas, que fortaleceu nosso sistema imunológico, e promoveu uma revolução na saúde pública, é outra conquista biotecnológica.

O Brasil, com 20% da biodiversidade do mundo e detentor de imensas florestas, reúne trunfos que nos credenciam a ocupar um lugar de destaque neste novo vetor do desenvolvimento.

A meta da Política Nacional de Biotecnologia é justamente acionar esse potencial, para que nos próximos dez ou quinze anos nosso país figure entre os cinco maiores pólos mundiais de pesquisa, geração de serviços e produtos da biotecnologia.

Nosso paradigma, meus amigos e minhas amigas, é a liderança já alcançada na área de biocombustíveis. Trata-se de uma parceria de sucesso

indiscutível entre a comunidade científica e a eficiência da sociedade brasileira e empresarial. Nosso desafio agora é replicar essa associação bem-sucedida em outros ramos da economia e da produção.

Vamos fazer remédios e vacinas mais baratos. Vamos fazer plástico biodegradável. Vamos desenvolver enzimas industriais que aumentem a eficiência e poluam menos. Vamos criar alimentos mais nutritivos, vamos desenvolver medicamentos e cosméticos a partir da biodiversidade e técnicas de recuperação ambiental.

Além disso, vamos mirar no futuro da biotecnologia, investindo em pesquisas como sequenciamento do DNA, neurociência, células-tronco, nanobiotecnologia, biofármacos.

O Fórum de Competitividade em Biotecnologia, criado pelo governo em 2004, trabalhou durante dois anos nessa direção, selecionando as prioridades da política que anunciamos hoje. Elas permitirão estreitar essa convergência em diferentes áreas e setores da indústria, da agropecuária, da saúde humana e animal, e da tecnologia ambiental.

Não há mais tempo a perder. A distância existente hoje entre a produção e o laboratório precisa ser vencida.

Um país que figura entre as 15 maiores economias do mundo, capaz de produzir aviões e biocombustíveis renováveis, não pode ter apenas 10% do seu poder científico sob a responsabilidade do setor privado. É preciso que essa participação se amplie, e muito.

Com essa nova política, o investimento de ponta no Brasil ganha mais um incentivo e uma baliza que vêm se juntar a outras já definidas pelo nosso governo.

Políticas como a de Inovação e propriedade intelectual, Biossegurança, de acesso a biodiversidade, de financiamento da ciência e pesquisa tecnológica, povos e comunidades tradicionais, são sujeitos fundamentais para a preservação dos nossos recursos genéticos e os conhecimentos por eles acumulados apontam caminhos para o desenvolvimento de novas tecnologias oriundas da biodiversidade.

A sua importância é inquestionável em várias dimensões, são a alma da cultura brasileira. Nesse sentido, o governo está lançando, também, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável para Povos e Comunidades

Tradicionais, como garantia e reconhecimento do seu papel estratégico para o desenvolvimento sustentável.

Inauguramos, portanto, mais um caminho para o futuro. E, mais uma vez, ele será pavimentado pelo entendimento democrático de toda a sociedade, a quem cabe a prerrogativa de escolher o rumo e a velocidade do nosso futuro.

Estamos tratando da nossa vida, da vida dos nossos filhos, dos filhos dos nossos filhos, dos netos que um dia eles terão. E, também, estamos cuidando do Planeta em que vivemos.

Exatamente por isso, o Fórum de Competitividade – que reúne governo, setor privado, academia, trabalhadores e outros segmentos da sociedade civil – continuará a assessorar o Comitê Nacional de Biotecnologia, instância à qual caberá, de agora em diante, definir ações específicas e os recursos necessários para viabilizar as metas da nova política.

Minhas senhoras e meus senhores,

Nosso desafio maior é harmonizar a temperança e a ousadia. A economia brasileira não pode prescindir da inovação científica e tecnológica para acelerar seu crescimento. A sociedade brasileira não pode prescindir da inovação para multiplicar oportunidades de emprego e renda reclamadas há tanto tempo pelo nosso povo.

Portanto, o Brasil não é e não voltará a ser um supridor de matérias-primas para o mercado mundial. O Programa de Aceleração do Crescimento e a Política Nacional de Biotecnologia convergem para outra direção e definem outras prioridades para o desenvolvimento brasileiro no século XXI.

Uma delas, e das mais importantes, é a aliança entre a biotecnologia e a agroenergia. Temos condições de mostrar ao mundo que “plantar combustível” é a melhor forma de colher justiça social e, ao mesmo tempo, contribuir para a redução do efeito estufa que tanto mal causa ao Planeta e que está desequilibrando o nosso Planeta.

Queremos repartir com o mundo essa porta de saída para o aquecimento global. Ela ajudará a transformar a urgência desse momento num sopro de equilíbrio com regeneração da esperança em um futuro mais sustentável.

Sabemos como fazê-lo. E o faremos sem prejuízo de uma política de

preservação que já reduziu em 52% o desmatamento na Amazônia, desde 2003. Evitamos assim o lançamento de mais 430 milhões de toneladas de gás carbônico na atmosfera nesse período.

Foi graças à pesquisa, à mobilização social e às ações do governo que tudo isso se tornou possível. Portanto, em vez de ameaçar lavouras de alimento, ou devastar florestas, a biotecnologia e a eficiência da nossa agricultura formaram um cinturão produtivo a favor da sociedade e do meio ambiente, gerando riqueza, renda e emprego.

Essa é a base da nossa aposta na Política de Desenvolvimento da Biotecnologia. Com o impulso da pesquisa e a criatividade do homem da terra, a biotecnologia ajudará a consolidar o Brasil como a grande potência tecnológica e ambiental do século XXI. Uma potência da solidariedade, capaz de aproveitar, e muito bem, as oportunidades oferecidas pela história, sem descuidar das urgências do Planeta.

Repito: o Brasil finalmente consolida sua presença na rota da inovação. E isso graças a vocês.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da fábrica da Nestlé Brasil Ltda em Feira de Santana**

**Feira de Santana-BA, 09 de fevereiro de 2007**

Excelentíssimo governador da Bahia, Jaques Wagner – eu estou até emocionado de ter que chamá-lo de excelentíssimo – e sua querida companheira Maria de Fátima Mendonça,

Minha querida companheira Marisa,

Senhora Dóris Leuthard, ministra da Economia da Suíça,

Senhor Rudolf Baerfuss, embaixador da Suíça,

Nosso querido companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa; Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores; Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Nosso querido senador João Durval. E uma novidade, o João Durval – como uma eleição faz bem, sobretudo a vitória – está 20 anos mais novo, desde o dia da eleição até agora. Meus parabéns.

Senhor Edmundo Pereira, vice-governador do estado da Bahia,

Deputados federais Colbert Martins, Fernando de Fabinho e Daniel Almeida,

Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa do estado da Bahia,

Senhor Ronaldo de Carvalho, prefeito de Feira de Santana,

Senhor Ivan Zurita, presidente da Nestlé Brasil,

Senhor Paul Bulcke, vice-presidente da Nestlé para as Américas,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero agradecer à direção mundial da Nestlé, à direção das Américas da Nestlé e à direção brasileira da Nestlé por continuarem acreditando no Brasil. Desde 1921 que a Nestlé pôs, pela primeira vez, os pés em solo brasileiro. Eu penso que a Nestlé deveria ser – muito mais do que um discurso do presidente ou de uma decisão de política econômica do governo

brasileiro – o cartão de visitas, a carta-convite para que qualquer empresário estrangeiro possa investir no Brasil porque, se a Nestlé deu certo e continua acreditando, certamente há espaço para muitas outras empresas investirem no Brasil.

Em segundo lugar, quero dizer à direção da Nestlé, ao povo da Bahia, ao povo de Feira de Santana, ao nosso querido Governador, que ao lançarmos o programa de aceleração da economia no último dia 22 de janeiro, nós quisemos mostrar ao Brasil que não existe volta para o Brasil, não existe nenhuma possibilidade de o Brasil jogar fora a chance de crescer de forma vigorosa, como já jogamos tantas vezes na nossa história. A história do Brasil é cheia de momentos auspiciosos, em que a gente vai dormir achando que está dando tudo certo e acorda de manhã com mudanças bruscas na economia, onde o País perde, os empresários perdem e os trabalhadores são as grandes vítimas desse processo de incertezas que, muitas vezes, os governantes oferecem ao seu povo.

Nós estamos vivendo um momento na economia brasileira em que eu posso olhar na cara de cada um de vocês, empresários, políticos e trabalhadores e dizer: não há momento na história econômica do Brasil em que a gente esteja vivendo um momento tão auspicioso para atrair investimentos, seja do capital interno, seja do capital externo.

Vamos ser francos. Quantas pessoas acreditavam, há quatro anos, que nós chegaríamos em 2007 com 92 bilhões de dólares de reservas? Quantas pessoas acreditavam que nós pudéssemos chegar a 140 bilhões de dólares de exportação e a um superávit na balança comercial de 47 bilhões de dólares? Quantas pessoas podiam imaginar que nós iríamos sair de um déficit de conta corrente para um superávit em apenas três anos de administração? Quantas pessoas podiam imaginar que nós pudéssemos, na relação comercial com o Mercosul, com a América do Sul e com a América Latina, superar o comércio que nós tínhamos com os Estados Unidos e superar o comércio que nós tínhamos com a Europa? Quantas pessoas poderiam imaginar que nós conseguíssemos provar ao Brasil e ao mundo que é possível aumentar a exportação e ao mesmo tempo aumentar o mercado interno, que é possível aumentar as exportações e aumentar as importações, que é possível crescer sem causar inflação, e que é plenamente possível crescer fazendo política de

distribuição de renda? Esses são os indicadores mais extraordinários para que possamos atrair investidores estrangeiros a investir no Brasil.

É por isso que fizemos um programa – que tem cabeça, tronco e membros, e portanto, tem dia para começar e dia para terminar – de investimento entre governo federal, empresas públicas e iniciativa privada, da ordem de 504 bilhões de reais, ou seja, 252 bilhões de dólares, para que a gente possa investir em quatro anos.

Posso garantir a vocês que, ao terminar este mandato em 2010, o Brasil estará diante de um conjunto de obras realizadas e, possivelmente, em nenhum momento da sua história, tenha conseguido vislumbrar um conjunto de obras, que começa em garantir energia para que as empresas possam produzir no Brasil. Garantir as estradas, garantir as ferrovias, garantir as hidrovias, porque o Brasil precisa aproveitar essa oportunidade de se transformar numa grande economia. Eu digo sempre que o século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos, e o Brasil não pode permitir que o século XXI seja apenas da China e da Índia, nós precisamos participar dessa fatia e temos condições.

Temos condições por quê? Temos condições, em primeiro lugar, porque temos todas as possibilidades, todos os marcos regulatórios e faremos as mudanças que precisarem ser feitas para que a gente possa dar a garantia jurídica dos investimentos no Brasil. Temos mão-de-obra qualificada e sabemos que precisamos qualificar muito mais. É importante lembrar, Zurita, que na campanha eu dizia que, ao terminar o meu mandato em 2010, nós vamos ter em cada cidade-pólo deste País uma extensão universitária da universidade federal e uma escola técnica profissional, porque será através da educação que nós vamos garantir o que outros países tiveram.

Se a gente for analisar a história do desenvolvimento europeu, nós vamos compreender que, no final do século XIX, quase todos os países da Europa eram pobres e quase todos cresceram a partir do investimento em educação. Por isso é que nós somos gratos ao Congresso Nacional por ter aprovado o Fundeb, porque agora a gente vai poder fazer os investimentos no ensino fundamental, a partir da correção da distorção no salário dos professores, criando um piso nacional para os professores deste País para motivá-los, cada vez mais, a cuidar da qualidade do ensino, do ensino

fundamental brasileiro, porque não basta investir na universidade se a gente não cuidar do alicerce da educação, que é o ensino fundamental. E essa responsabilidade não é do presidente da República ou do ministro da Educação, essa responsabilidade é, sim, do presidente da República, do governador do estado, do prefeito de cada cidade, de cada empresário, de cada vereador, de cada deputado, de cada senador, de cada mulher e de cada homem. Muitas vezes, nós tentamos encontrar culpados para as mazelas do Brasil mas, no fundo, no fundo, cada um de nós, seja governante ou não, tem uma parcela de culpa nas coisas que não aconteceram no Brasil no momento certo e na hora certa.

A eleição do companheiro Jaques Wagner – e eu quero dizer, de público, que eu tinha uma relação extraordinária com o governador Paulo Souto – é a possibilidade de a Bahia ser governada, em algum momento, por alguém que mantenha todas as coisas boas que aconteceram neste estado, mas que coloque um olhar muito forte para a questão social deste estado. Eu tenho dito que, muitas vezes, não basta a gente mostrar o indicador de que a economia de uma cidade, de um estado ou de um país cresceu, se esse crescimento estatístico da economia não estiver acompanhado do crescimento da melhoria da qualidade de vida do povo trabalhador deste País, daqueles que não tiveram oportunidade de trabalhar. É exatamente essa melhoria de condição de vida do povo que vai permitir ao povo mais pobre da Bahia poder comprar este macarrão gostoso que você vai fazer aqui. E se nós não melhorarmos o poder aquisitivo do povo, nós vamos ter sempre os mesmos podendo comprar de tudo, e os mesmos que não podem comprar nada.

O desafio, meu companheiro Jaques Wagner, é acreditar piamente que está nas suas mãos – como esteve nas minhas mãos no primeiro mandato e está neste segundo mandato – fazer a mais forte política social que este País e que este estado já conheceram. Afinal de contas, não valeria a pena a gente governar nem o País, nem o estado e nem uma cidade se, quando terminar o mandato e a gente for medir os indicadores sociais, o povo estiver tão pobre quanto estava quando a gente entrou no governo.

E a nossa prioridade é exatamente essa. É por isso que nós combinamos a necessidade do crescimento econômico com a necessidade da distribuição de renda e, ao mesmo tempo, a necessidade do investimento na

educação. Tudo o mais virá, se essas três coisas acontecerem. Aí é preciso que haja, da parte do governo federal, uma atuação harmoniosa com os governos estaduais, independentemente de que partidos sejam. Eu sei que o prefeito desta cidade é do PFL, e eu duvido que tenha no Brasil um único prefeito, de qualquer partido político que seja, para dizer que um dia foi discriminado pelo governo federal, porque a gente não vê a cara do prefeito, não vê a cara do governador, a gente vê é a cara do povo que eles representam e, em nome disso, nós temos que fazer as coisas que precisam ser feitas.

Eu acho que participar da inauguração de uma fábrica é, para um governante de um país como o Brasil, extremamente gratificante. Eu tive oportunidade de conversar com aqueles meninos e meninas que estavam trabalhando na linha de produção. E não há nada mais gratificante, não há nada mais dignificante na vida de um ser humano do que ele ter um trabalho, por esse trabalho ganhar um salário, e com esse salário poder levar para dentro de sua casa a comida, a roupa para os filhos, o material da escola e, no domingo, ainda poder sair com a família para comprar alguma coisa a mais. E logo, logo, chupar o sorvete que a Nestlé deverá começar a produzir por aqui logo, logo. Não há nada mais gratificante.

Eu vi o sorriso na cara das meninas e dos meninos, do primeiro emprego. Eu sinto o que foi a minha alegria, naquele tempo muito mais jovem do que vocês, com 14 anos, colocar o meu primeiro macacão para ir para uma fábrica trabalhar. É uma sensação de soberania, de liberdade, de conquista. Vocês vão perceber muito mais essa conquista quando receberem o primeiro pagamento e chegarem em casa. Sempre vão achar que é pouco, mas sempre vão querer mais. A vida é assim, o Zurita também está sempre pedindo mais redução de impostos, mais desoneração. Então, em contrapartida, os trabalhadores pedem mais salário, pedem mais salário, pedem mais salário. É com essa pedição toda que a gente vai construindo o equilíbrio que transforma o Brasil nesta nação democrática que é.

Eu não poderia deixar de dizer aqui o que já foi dito pelo Wagner, o que já foi dito pelo prefeito. Da mesma forma que eu me emociono quando eu estou fora do Brasil e ouço o Hino Nacional ou vejo a Bandeira do Brasil, eu tenho ouvido de empresários uma coisa que muitas vezes o empresário brasileiro não

reconhece e isso, às vezes, é triste para a gente. Em cada encontro internacional que eu vou, que tem uma empresa estrangeira que tem fábrica no Brasil, a coisa mais corriqueira que eles dizem é que estão boquiabertos com a criatividade e a competência do trabalhador brasileiro, sobretudo na Bahia.

Quando você está em Nova Iorque fazendo um debate com 800 empresários e sobe a vice-presidente de uma multinacional, como é a Ford, e ela diz ao microfone, para todo mundo ouvir, que nunca tinha visto nada igual à capacidade de trabalho e à criatividade do trabalhador baiano, à facilidade de aprender nas horas que tiveram para fazer a sua formação profissional, eu pensei que era uma coisa só da Ford.

Hoje, eu ouço do diretor das Américas da Nestlé que, de todas as fábricas que ele tem no mundo, a maior criatividade é exatamente a dos empregados das empresas do Brasil. Esse é um jeito especial de ser brasileiro e um jeito especial de ser baiano. Eu acho que os baianos... houve um tempo em que se dizia que o baiano não gostava de trabalhar. Ora, não gostava de trabalhar porque não tinha fábrica. Agora as fábricas começaram a chegar. Eles não só gostam de trabalhar, como estão provando que são mais competentes do que muitos daqueles que diziam que eles não sabiam trabalhar.

Portanto, eu quero agradecer à direção da Nestlé. Quero agradecer a você, Zurita, mais este investimento, eu espero que você continue procurando lugar no Nordeste para fazer mais investimentos, porque um dos nossos desejos é fazer com que o Nordeste brasileiro diminua a distância que existe das regiões mais ricas do País e possa se tornar uma região equânime às regiões mais desenvolvidas do País.

Eu sei que tem gente que não gosta, mas a gente precisa cuidar primeiro das regiões mais pobres, torná-las mais iguais, criar mais oportunidades. Depois a gente tem que cuidar da parte mais pobre do povo. O nosso desejo não é que tenha pobre rico, o nosso desejo é que tenha uma sociedade mais justa, em que as pessoas possam trabalhar, estudar, comer, ter acesso à cultura. É o que todo mundo quer, é o que todo mundo desenvolvido já tem, e é o que o povo brasileiro deseja. Por isso eu quero, Wagner, dizer para você, por isso estou esperançoso de que você possa fazer para a Bahia mais e melhor do que tantos quantos já passaram pela Bahia.

Deus te abençoe e te dê sorte, e que você consiga enfrentar as desavenças. Eu sei que quando você tiver problemas, vai bater na minha porta, e eu, como tenho um coração um pouco baiano, estarei sempre pronto para lhe atender.

Parabéns aos trabalhadores da Nestlé, parabéns à Nestlé e parabéns à Bahia.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da usina de biodiesel da Brasil Ecodiesel em Iraquara**

**Iraquara - BA, 10 de fevereiro de 2007**

Meus queridos companheiros e companheiras do estado da Bahia,  
Meus companheiros e companheiras da cidade de Iraquara,  
Meu querido companheiro governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

Meu querido companheiro governador do estado do Piauí, Wellington Dias,

Meu querido companheiro ministro de Minas e Energia, Silas Rondeau,  
Nosso querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meu companheiro Edmundo Pereira, vice-governador do estado da Bahia,

Meu caro Walterson Coutinho, prefeito de Iraquara, e senhor Amarildo Gomes, prefeito de Souto Soares,

Meu caro companheiro Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro e querido companheiro Nelson Silveira, presidente da Brasil Ecodiesel, e sua digníssima esposa,

Nossos queridos deputados federais: Luiz Carreira, Joseph Bandeira, Geddel Vieira, Edson Duarte e Daniel Almeida,

Nossos queridos companheiros deputados estaduais, deputadas, prefeitos da região e nosso querido Alberto Ercílio, vice-presidente da Contag,

Meus amigos e minhas amigas,

Não se impressionem que eu não vou fazer o discurso por escrito que está aqui porque não cabe, à uma hora da tarde, todo mundo está com fome, e eu ainda tenho que voltar a Salvador, para ir para Brasília.

Eu queria dizer para vocês apenas o seguinte, gente. Possivelmente, uma parte dos companheiros que estão aqui participando da inauguração de

uma fábrica de biodiesel, nem todo mundo tem clareza de que coisa é essa de que nós falamos, o biodiesel. Eu acho necessário as pessoas saberem o que é o biodiesel, porque na minha cabeça está fixada a convicção de que dentro de 15 ou 20 anos o mundo inteiro estará usando biocombustível no motor dos carros e dos caminhões. Até teste com querosene de biodiesel já está sendo feito pela Nasa e pela Boeing, que é uma grande empresa americana que produz avião.

E que diabo é isso? Como diria um bom nordestino: que “gota serena” é isso? Vocês sabem que nós já tivemos transporte... o trem era à lenha, o barco era a vapor, antes de o barco ser a vapor era aquele negócio que ficava rodando lá, aqui no rio São Francisco tinha muito. Pois bem, nós agora temos o transporte mundial quase todo baseado no petróleo. Faz mais de 50 anos que eu ouço falar: “não, o mundo está tentando inventar um novo combustível a partir de não sei o quê”. Os americanos estão pensando em hidrogênio, os franceses estão pensando... o dado concreto é que, além do petróleo, o Brasil já tem uma coisa diferente, que é o álcool. O Brasil, hoje, é um país que detém a tecnologia mais importante na produção do álcool do açúcar. E este ano que passou, 75% dos carros brasileiros vendidos no mercado interno foram flex fuel, que podem andar com 100% de álcool; acabou o álcool, pode colocar 100% de gasolina; se tiver um pouquinho de álcool e um pouquinho de gasolina, pode misturar. E agora já tem carro a álcool, à gasolina e à gás. Na verdade, é o Brasil que está inovando com uma nova política de combustível para o mundo.

Os Estados Unidos, agora, inventaram de produzir álcool de milho. Acontece que o álcool de milho custa três vezes mais do que o álcool de cana que nós produzimos. E milho, na verdade, não foi feito para produzir álcool, foi feito para encher o papo da galinha, para o ovo nascer amarelinho, e a gente poder produzir mais proteína no mundo. E os americanos ainda vão se curvar à tecnologia e ao custo da cana-de-açúcar na produção de álcool.

Se tem problema com neve, se tem problema com furacão, com tufão, com qualquer coisa, Deus abençoou o Brasil e não colocou nada disso aqui. Portanto, o Brasil é um país altamente competitivo.

E agora, essa história do biodiesel, o que é? A Petrobras, quando pega um litro de petróleo e coloca na refinaria para fazer a gasolina, de um barril de

petróleo, entre 20% e 25%, sai gasolina; 40%, sai óleo combustível; e 25% de óleo diesel. Mas aí sai a nafta para fazer asfalto, saem produtos para fazer copos, para fazer coisas de banheiro, para fazer essas coisas de plástico que vocês vêem, é tudo subproduto do petróleo.

Pois bem, o petróleo brasileiro, o óleo diesel que os caminhões utilizam, nós não produzimos tudo no Brasil, nós temos que importar. E importar esse óleo significa gastar alguns bilhões de dólares que nós mandamos para fora. O que nós queremos fazer? Nós queremos introduzir um outro combustível para que a Petrobras, amanhã, não tenha que importar óleo diesel. Mas que a gente possa, com o trabalho com o biodiesel, misturando com o próprio petróleo, produzir mais óleo diesel sem a quantidade de enxofre que o nosso óleo diesel tem, ele é muito poluente.

Vocês viram, esses dias, na televisão brasileira e na imprensa, aquela discussão do aquecimento da Terra, vocês viram o estrago que o ser humano está fazendo no planeta Terra. Agora, não acreditem que seja o Brasil. De vez em quando vocês ouvem um discurso assim: “ah, não, porque o Brasil vai desmatar a Amazônia; ah, não, porque o Brasil tem muita produção de soja; ah, não, porque o Brasil tem isso ou tem aquilo”. É mentira. Primeiro, nós não queremos desmatar, nós queremos preservar. Mas quem tem que mudar o comportamento são os países ricos que produzem poluição. A grande emissão de gases que está causando problema no Planeta é das empresas dos países ricos, não é das nossas. Até porque nós temos muitas florestas para absorver o gás carbônico produzido pelas indústrias.

Então, nós resolvemos introduzir essa coisa que eu acho quase milagrosa, que é produzir biodiesel no Brasil. Até 2008, nós vamos colocar 2% de biodiesel no óleo diesel, ou seja, todo óleo diesel que a gente botar num caminhão vai ter 2% de biodiesel. Em 2013 – mas a gente vai antecipar para 2010 – a gente vai colocar 5%, e pode colocar até mais. Estamos trabalhando para que um dia a indústria brasileira possa produzir um motor a biodiesel, aí nós não teremos que fazer mistura, aí é colocar o biodiesel direto no motor do carro e andar por aí sem cheiro de enxofre, mas com cheiro de girassol, com cheiro de mamona, cheiro de pinhão manso, cheiro de dendê. Ou seja, vai ter cheiro para todo gosto. Ao invés de a gente ficar torcendo o nariz quando liga o motor, a gente vai ficar lambendo a língua, pensando que vai comer alguma

coisa boa.

O Brasil saiu na frente. A Petrobras tem pesquisas, as empresas particulares têm pesquisas, a Brasil Ecodiesel tem sido uma grande parceira. Quando nós pensamos nesse programa, ele foi pensado para o Brasil inteiro mas, sobretudo, ele foi pensado para ter uma função social de atender às necessidades das partes mais pobres deste País, sobretudo no Nordeste brasileiro e no Norte do Brasil, no semi-árido brasileiro, onde milhões de famílias vivem há décadas e décadas produzindo de manhã para comer, e muitas vezes não conseguem comer porque não chove, não colhe, e quando colhe não tem preço. Então, isso aqui foi pensado com a cara do povo sofrido deste País, para gerar emprego da mamona, para gerar emprego do pinhão manso. O pinhão manso é uma planta que demora quase três anos para dar, mas depois ele produz por 50 anos ou mais.

Então, vai ser uma coisa extraordinária, nós estamos apenas no começo, faz dois anos que nós começamos isso. Vai ter um dia, quando todo mundo estiver comprando biodiesel, a gente vai produzir de soja, ele pode ser produzido de gordura – quando se mata um animal, pega-se aquela gordura, sebo –, pode ser produzido de um milhão de coisas. Mas o que nós queremos garantir é que na parte mais pobre deste País a gente garanta emprego e garanta renda para a população deste País.

E é por isso que o Nelson virou um grande parceiro nosso, porque a Brasil Ecodiesel tem dado uma contribuição enorme, a empresa tem uma visão social muito importante. Aqui na Bahia já são, aproximadamente, 25 mil trabalhadores da agricultura familiar produzindo produtos para a Brasil Ecodiesel. Nós agora vamos criar um grupo de trabalho para aperfeiçoar o programa, porque isso aqui não pára mais, gente. Daqui para a frente, a gente vai produzir cada vez mais, cada vez mais. E aí o José Sérgio Gabrielli vai ficar morrendo de raiva, porque hoje a Petrobras está cavando um poço de petróleo e primeiro, ela tem que descer uma broca a 2 mil metros de lâmina d'água. Imagine, a 2 mil metros de profundidade desce uma broca, não dá nem para mergulhar a 2 mil metros de profundidade. Depois que chega na terra, lá embaixo, ela perfura mais 4, 5 ou 6 mil metros. Qualquer dia, ela vai trazer um japonezinho lá de baixo, tal é a profundidade.

Ora, o que faz o biodiesel? Com o biodiesel, eu não vou precisar cavar

um buraco de seis mil metros, eu vou cavar uma covinha de 30 centímetros, eu vou plantar um pé de girassol, um pé de mamona, um pé de pinhão manso, um pé de dendê, um pé de qualquer outra oleaginosa. E, depois de alguns meses eu vou, com a mão mesmo, tirar aquilo, colher, e aquilo vai significar que nós vamos ajudar a Petrobras a ser mais rica, ser mais forte, para ela ajudar mais o povo brasileiro a ser auto-suficiente.

O que vai acontecer? Essa é uma premonição que eu tenho, meu caro Nelson, Jaques Wagner, eu acredito que vai ter um dia, que não está muito longe, que o mundo rico vai ter que vir comprar biodiesel de nós. De nós, dos países da América Central, dos países da América Latina, dos países africanos, porque esse programa pode ajudar, e ajudar muito, os países da África a se desenvolverem. Aquelas regiões mais pobres podem produzir as plantas que dão óleo para a gente fazer combustível. E aí, a gente não vai ficar mais dependente apenas de uma matriz energética, nós vamos ter várias opções.

Mas, de tudo isso, o meu sonho é com o emprego. Se a gente garantir... e está no meu Programa, vice-presidente da Contag, trabalhadores, está no meu Programa, está na minha cabeça a produção de pequenas usinas para que os trabalhadores em cooperativas, eles próprios, possam até fazer a primeira fase do esmagamento, e o Nelson já pode comprar o óleo esmagado já na primeira fase, para colocar um pouco de valor agregado e vocês ganharem um pouco mais pela produção que vocês fazem. O Nelson compra de vocês, a Petrobras compra do Nelson, os estrangeiros compram do Brasil e daqui a pouco a gente está consolidado como a maior política de biocombustíveis ou de combustíveis renováveis do planeta Terra.

Eu acredito e quero dizer para vocês, tem muita gente nova aqui, eu acredito que o Brasil será no século XXI a maior potência, em nível de combustível, do mundo. Neste século agora, nós não jogaremos a oportunidade fora. Então, trabalhadores se preparem, pequenos produtores se preparem, porque o sofrimento que tiveram os avós de vocês, que tiveram os pais de vocês, e que vocês tiveram até agora, podem ter fé em Deus que vai começar a mudar e vocês vão começar a trabalhar, ganhar um dinheirinho e sustentar a família de vocês. Eu só quero que vocês tenham um pouco de paciência porque o Programa só tem dois anos, ele precisa ser aperfeiçoado

para que a gente possa dar ao Programa do Biodiesel a sustentabilidade econômica que ele precisa.

Portanto, eu quero agradecer à Brasil Ecodiesel – também eu só vou inaugurar fábrica da Brasil Ecodisel – quero agradecer à direção da Brasil Ecodiesel pelo compromisso e pelo empenho que ela tem tido com o nosso governo.

Eu agora cumprimentei o pessoal que está com este jaleco branco. Vocês estão vendo o jaleco branco? Este jaleco branco é do pessoal do laboratório, é o pessoal chique que trabalha ali dentro. Chique porque estudaram, chique porque viraram biólogos, bioquímicos, eles é que fazem os testes para saber se o óleo está com qualidade.

Então, veja, numa cidade pequena da Bahia, com 20 e poucos mil habitantes, daqui a pouco tem uma empresa que oferece 200 empregos, dentre os quais, pessoas, moças e rapazes recém-formados. E não apenas isso, gera possibilidade de emprego no campo, o trabalhador sabendo que vai produzir e que vai vender, o trabalhador sabendo que tem uma renda fixa, é tudo que nós queremos para o nosso Brasil.

Quero dizer ao querido governador Jaques Wagner que a vitória dele tem um significado muito especial para a Bahia e para o País. Agora, Jaques Wagner, não fique achando que essas palmas serão todos os dias, não fique achando. Você sabe, porque você veio de lá, você sabe que as pessoas – e graças a Deus sejam assim – são quem nem time de futebol: o cara marca um gol, todo mundo aplaude; perdeu um pênalti, todo mundo vaia. Então, você pode ficar certo que este povo está no seu pé. Agora, está no seu pé torcendo para que você faça as coisas boas. Também pode ficar certo, quando tiver algum problema, que não vai ser a elite de Salvador que vai te ajudar, não, é este povo que vai te ajudar. Então, meu caro, mantenha a fidelidade a este povo, coloque o coração no bico do sapato e faça as coisas junto com este povo. Obviamente que vocês também têm que ter paciência, vocês também sabem que ele não pode fazer, em um ano, aquilo que os outros não fizeram em 10 anos. É preciso ter paciência para ajudá-lo.

Eu quero dizer para vocês que, naquilo que depender do governo federal, eu quero que o Jaques Wagner saiba que ele não tem um presidente da República, ele tem um companheiro lá, disposto a ajudá-lo em qualquer

negócio.

E quero terminar dizendo ao povo de Irecê, que se queixou das dívidas dos agricultores... Quem está discutindo isso? Eu vou cuidar disso depois. Você vai receber logo, logo, uma resposta disso.

No mais, companheiros, Wagner, quero te agradecer e desejar a você toda sorte do mundo. Eu tenho certeza de que um homem que chegou onde você chegou, com o sacrifício que você chegou, o povo vai te ajudar.

(Reivindicação da platéia) Estrada? Gente, deixem-me dizer uma coisa para vocês. Vocês ouviram, aqui, falar no PAC. Só para vocês terem idéia, até 2010 nós estamos assumindo um compromisso de fazer investimentos da ordem de 504 bilhões de reais. Esse dinheiro é para construir e consertar as estradas, para consertar os portos deste País, para consertar os aeroportos deste País, para fazer 4.700 quilômetros de gasoduto, para fazer as hidrelétricas deste País, porque nós precisamos deixar o País preparado.

E qual era o compromisso que eu tinha? Eu não assumi compromisso de construir uma universidade em cada cidade, até porque não tem estudante para tudo isso. Eu assumi o compromisso de que em cada cidade-pólo terá uma extensão universitária e uma escola técnica profissional. E, aqui, o prefeito sabe que vai ter uma escola técnica profissional. Eu assumi o compromisso, e isso eu vou cumprir, cada cidade-pólo vai ter uma extensão da universidade federal e uma escola técnica. Eu disse que nós precisaríamos de desenvolvimento, educação de qualidade e distribuição de renda. Agora, eu estou apenas com 30 dias do segundo mandato, eu tenho mais quatro anos pela frente, e eu tenho certeza de que eu vou contar com vocês.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês. Meus parabéns à Brasil Ecodiesel, meus parabéns aos trabalhadores, meus parabéns aos companheiros do governo Jaques Wagner.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de instalação do Fórum Nacional da Previdência Social**

**Palácio do Planalto, 12 de fevereiro de 2007**

Eu não vou fazer discurso aqui hoje porque tanto o Artur quanto o Antônio já colocaram a sua pauta de reivindicação na mesa, e eu não vou discutir.

Eu quero, primeiro, cumprimentar a ministra Ellen Gracie que, numa deferência toda especial, está sentada aí até agora, quando ela tinha um compromisso lá no Supremo Tribunal Federal,

Quero cumprimentar a nossa ministra Dilma Rousseff,

Quero cumprimentar os ministros Nelson Machado; Waldir Pires, ex-ministro da Previdência Social; Guido Mantega, da Fazenda; Luiz Marinho, do Trabalho; Paulo Bernardo, do Planejamento e Gestão,

Quero cumprimentar o nosso ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Jorge Armando Félix,

Lembrar que está aqui o deputado Ricardo Berzoini, ex-ministro da Previdência Social,

Eu vi lá atrás, também, o Amir Lando, ex-ministro da Previdência Social; o Jucá, ex-ministro da Previdência Social, que hoje é Líder do governo,

Quero cumprimentar a nossa companheira Nilcéa, da Secretaria Especial de Política para as Mulheres,

A Ideli Salvatti e a senadora Rosalba,

Quero cumprimentar o senador Romero Jucá, líder do governo,

O deputado federal Armando Monteiro Neto, presidente da CNI, Paulo Pereira da Silva, Ricardo Berzoini, Roberto Santiago, Vicentinho, que estava aí, não sei se está mais,

Quero cumprimentar os dois companheiros que falaram, o Antônio, representando os empresários, e o Artur, representando os trabalhadores,

Quero cumprimentar os empresários aqui presentes, os trabalhadores, os integrantes do Fórum Nacional da Previdência Social.

Quero dizer para vocês que a bola começa a rolar. A opinião do Presidente da República... nesse instante, enquanto o Fórum estiver acontecendo, eu prometo não falar da Previdência Social. Eu acho que este Fórum é uma oportunidade para que nós possamos desmistificar algumas discussões que, de vez em quando, aparecem nas páginas dos jornais, na televisão. No Brasil, de vez em quando, nós tentamos encontrar alguém para ser o responsável pelo fracasso do País ou, às vezes, tentamos encontrar alguém para ser o responsável pelo sucesso do País.

O dado concreto é que a Previdência Social brasileira é uma previdência inclusiva, é uma previdência que a gente não pode ficar analisando apenas se arrecada cento e tantos bilhões e gasta cento e tantos bilhões. Seria importante que nós fechássemos os olhos e imaginássemos, hoje, o Brasil sem um sistema de seguridade social que desse proteção através da LOAS e do Estatuto do Idoso, ou da aposentadoria do trabalhador rural. Imaginemos um Brasil sem isso para a gente ver o caos a que nós estaríamos submetidos, neste instante, no nosso País.

Obviamente que também enquanto governo, a gente não pode ficar discutindo de onde vem o dinheiro e para onde vai, porque o dinheiro termina saindo de um cofre só, que é o Tesouro, e nós precisamos fazer essa discussão sem paixão, mas tendo a responsabilidade de que estaremos construindo, para as futuras gerações, um novo modelo de Previdência Social.

Eu fiz questão de dizer, esses dias, porque a discussão esquenta muito, as pessoas acham que o trabalhador se aposenta muito cedo, e eu acho que tem trabalhador que poderia trabalhar um pouco mais. Mas tem trabalhador que começa com 14 anos, que não pode esperar um pouco mais, afinal de contas, nós somos um país que ainda, desgraçadamente, temos trabalho escravo, e esse trabalhador, de vez em quando, a gente vê o Ministério do Trabalho mandando prender gente aí, porque tem gente que ainda pratica o trabalho escravo. Tem cidadão que começa a trabalhar aos 25 anos, mas tem cidadão que começa a trabalhar aos 12, aos 13 anos, às vezes até antes, embora a lei não permita. Tem trabalhador que trabalha num escritório com ar condicionado, outro trabalha em uma linha de fundição ou em uma linha de prensa, o que não é o mesmo. Tem o problema das mulheres: “ah, porque a mulher vive mais do que o homem”, mas todo mundo sabe que o trabalho da

mulher, muitas vezes, é um trabalho de dupla jornada, às vezes até mais que dupla jornada. E tudo isso a gente não pode mudar num passe de mágica, sem respeitar a cultura que já ficou estabelecida neste País, aquilo com que todos nós já aprendemos a conviver.

Então, o que nós estamos nos propondo? Primeiro, ninguém melhor para discutir a Previdência do que os empresários, os trabalhadores e os aposentados. Vamos juntar quem de direito neste País e vamos fazer, primeiro, um diagnóstico perfeito da Previdência Social e nós vamos ter um diagnóstico perfeito. Diagnóstico é diagnóstico, não tem paixão. São números e números que vão provar como está o problema da Previdência Social. E, depois, vamos apresentar as propostas para que a gente possa garantir para os nossos netos, nossos bisnetos, que eles vão ter um sistema de previdência social mais sólido do que o que nós temos hoje, garantidor dos seus direitos. Eu espero que com o trabalhador ganhando um salário e um pouco mais, pagando um pouco mais, ele vá receber um pouco mais quando se aposentar. E também facilitando a vida daqueles companheiros que hoje querem pagar e não pode pagar, porque pagam 20%, o autônomo, por exemplo, ou a mulher.

Tudo isso vocês vão ter que resolver. Eu vou ficar muito (inaudível) agora, esperando vocês trabalharem esses 6 meses, para daqui a 6 meses vocês me apresentarem um resultado, dizendo: “olha, nós chegamos a essa conclusão”. Aí vamos elaborar, se der tudo certo, alguma coisa, mandar para o Congresso Nacional, e no final a última palavra será do Congresso Nacional.

A única coisa que não posso admitir, e não vou admitir, é que alguém apresente saídas simplistas para a Previdência Social. “Ah, tem muito roubo na Previdência Social.” Menos do que parece. E o censo que estamos fazendo está mostrando isso, um censo de causar inveja a qualquer censo já feito na história deste País.

Tem problema na máquina? Pode ter. Mas vamos consertar sem a velha prática de que o problema é mandar trabalhador embora. Nós não estamos dispostos a mandar trabalhador embora, mas admitir aqueles que faltam para fazer o sistema funcionar melhor. Tem problema de idade? É possível que tenha. Vamos tentar resolver isso, mas discutindo com a responsabilidade de um País que quer prometer ao seu povo, daqui a alguns anos, um sistema de previdência que seja seguro. E é um tema difícil, nem todo mundo gosta de

discutir, nem todo mundo tem interesse em discutir, às vezes vão empurrando com a barriga, mas chega uma hora em que nós temos que discutir até para o nosso próprio bem. Vamos discutir.

Eu queria dizer para vocês o orgulho de estar aqui na instalação deste Fórum, pedindo que vocês trabalhem com o maior carinho possível, com a maior dedicação possível. Eu acho que cada um pode criar um fórum dentro da sua própria entidade para discutir a questão da Previdência, os empresários podem criar fóruns no setor empresarial para discutir. Eu acho que é um processo de movimentação da sociedade e eu penso que o resultado tende a ser gratificante para os futuros beneficiários da Previdência Social.

Vocês imaginem a pressão que a gente sofre todo santo dia, dizendo: resolveu o problema da Previdência, vai ter dinheiro para investimento, como se a gente pagar 400 reais para um trabalhador aposentado não fosse um investimento. Se a gente não tivesse pagando o que estamos pagando hoje para milhares de aposentados que recebem o salário mínimo, certamente nós estaríamos precisando construir mais cadeias, quem sabe contratando mais policiais, porque é esse o resultado de um povo que não tem esperança, que não tem perspectiva.

A vocês, e eu conheço a seriedade de cada um, conheço a responsabilidade dos empresários e dos trabalhadores, eu só posso desejar boa sorte. E agora, quando alguém vier conversar comigo sobre a Previdência, eu falo: por favor não conversem comigo, vão conversar com os membros do Fórum Nacional da Previdência Social, porque eles terminarão por nos apresentar uma proposta.

Guido, você que é um homem do Tesouro, pode ficar tranqüilo que no debate sairá uma proposta que vai deixar o futuro ministro da Fazenda, daqui a uns 30 anos, feliz da vida, porque não vai ter problemas na Previdência como você tem hoje.

Muito obrigado, parabéns a vocês. Nelson, parabéns pelo trabalho e boa sorte!

**Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita de Estado do Presidente da Bolívia, Evo Morales**

**Palácio do Planalto, 15 de fevereiro de 2007**

Excelentíssimo senhor, companheiro Evo Morales, presidente da República da Bolívia,

Senhoras e senhores ministros da Bolívia,

Senhoras e senhores ministros do Brasil

Meus amigos, minhas amigas,

Companheiros da imprensa brasileira e da imprensa boliviana,

É com grande satisfação e alegria que recebo uma vez mais aqui o presidente Evo Morales. Sua visita praticamente coincide com o primeiro aniversário de seu mandato presidencial.

A eleição do companheiro Evo constitui-se num marco histórico para a Bolívia.

Um país com o desafio de usar suas riquezas naturais para a prosperidade de seu povo. Um país que está reconstruindo suas instituições com ampla participação popular.

Bolívia e Brasil avançam juntos na busca de um modelo de desenvolvimento com mais democracia, justiça, igualdade e progresso para todos, sobretudo para os excluídos. Nessa caminhada, o povo boliviano tem, e sempre terá do Brasil, a solidariedade e o apoio para que encontre seu próprio destino.

Em um relacionamento tão intenso, nem sempre nossos pontos de vista coincidem e nem todas as prioridades e soluções são as mesmas.

Mas essas diferenças são pequenas se compararmos com aquilo que nos une.

Temos um grande potencial de iniciativas comuns a ser explorado.

Esta visita permitiu dar continuidade a nosso diálogo franco, aberto e construtivo.

Sem condicionantes, sem imposições, sem ameaças ou rupturas. É assim que se relacionam países amigos e soberanos.

Os acordos que assinamos constituem a base de uma parceria estratégica e mostram a amplitude e a intensidade das relações entre nossos países, que vão desde a educação até a integração física, passando pela capacitação de recursos humanos, defesa e questões energéticas.

Temos muitos outros projetos em andamento.

Nosso governo ajudará a criar uma instituição semelhante à Embrapa, capaz de produzir soluções tecnológicas adequadas às condições e necessidades da agropecuária boliviana.

Quando, há poucas semanas, foram detectados focos de febre aftosa na Bolívia, a resposta brasileira foi rápida. O Brasil já doou 1 milhão de doses de vacina, e fará nova doação em março deste ano.

O gás é um fator decisivo de integração entre nossas economias. Queremos que continue a ser o carro-chefe de nossa associação energética.

Ontem, com muito diálogo, muita paciência e, sobretudo, com muita inteligência, demos um passo importante. Os componentes do gás que têm um valor de mercado reconhecido, passarão a ser remunerados pela sua cotação internacional.

Isso fará justiça ao valor do gás boliviano e atenderá o pleito do presidente Morales. Paralelamente, acordamos que o governo boliviano tomará as providências necessárias para que os novos contratos de operação entrem em vigor nos próximos dias.

O governo brasileiro também informou que tomará as medidas necessárias para permitir, até 15 de abril – Silas Rondeau que está me ouvindo possa ver um preço justo para o gás boliviano na termelétrica de Cuiabá.

Teremos a estabilidade e a segurança indispensáveis para entrar em uma nova etapa de nossa cooperação energética.

Ontem, o Presidente Morales e eu assistimos a uma apresentação sobre o pólo gás-químico na fronteira. Falamos sobre o interesse da Petrobrás em construir uma usina de biodiesel na Bolívia. Decidimos explorar, também, a possibilidade de construir uma hidrelétrica binacional no Rio Madeira. Essas iniciativas significarão um salto qualitativo nas nossas relações e benefícios para ambos os países. Agregam valor, geram empregos e atraem

investimentos.

Temos as condições para ir muito além do gás. Seremos parceiros na revolução da energia renovável, na petroquímica e na geração da hidroeletricidade. O Brasil apoiará o esforço da Bolívia para se industrializar e deixar de ficar dependente apenas de suas riquezas naturais.

Em nosso encontro, reafirmei ao presidente Evo o interesse brasileiro em incrementar e diversificar o comércio bilateral. O Brasil vai propor, no âmbito do Mercosul, a eliminação total das tarifas aos produtos bolivianos, abrindo o caminho para o ingresso da Bolívia como membro pleno do bloco do Mercosul.

Tomamos a decisão de eliminar todos os entraves para que o Brasil possa absorver as exportações bolivianas ameaçadas pelo corte das preferências comerciais hoje oferecidas pelos países desenvolvidos. Visamos, especialmente, têxteis e vestuário, setores que garantem empregos para muitos bolivianos.

Vamos criar as condições financeiras para a exportação de tratores para a Bolívia, fundamentais para a modernização de sua agricultura. O Brasil participará também nos projetos de infra-estrutura viária no nosso país vizinho.

Conversamos sobre a situação dos brasileiros na Bolívia e sobre como assegurar sua plena integração à sociedade boliviana.

Para estimular esse processo, assumimos o compromisso de trabalharmos juntos para regularizar a situação de famílias brasileiras de pequenos produtores na Bolívia. Também vamos fortalecer a agricultura familiar nos Departamentos de Beni e Pando. Isso permitirá que os brasileiros continuem a contribuir com seu trabalho para a modernização em curso da agricultura na Bolívia.

Prosseguiremos, ao mesmo tempo, regularizando a situação dos imigrantes bolivianos no Brasil, de forma a lhes garantir condições de trabalho decente.

Bolivianos no Brasil e brasileiros na Bolívia são, de certa forma, a ponta de lança da integração que queremos: uma América do Sul unida e solidária, que tem no bem-estar de seus cidadãos seu objetivo maior.

Aqui, como lá, os imigrantes merecem nosso reconhecimento, nossa consideração e nosso respeito.

O Brasil vê com grande satisfação a Presidência Pro Tempore da Bolívia na Comunidade Sul-Americana de Nações.

A liderança boliviana faz avançar os trabalhos da Comissão de Altos Funcionários, encarregada de lançar os alicerces da nossa CASA comum.

O Brasil também recebeu com entusiasmo o pedido da Bolívia de tornar-se membro pleno do Mercosul.

Ao lado de nossos irmãos argentinos, paraguaios, uruguaios e venezuelanos, trabalharemos com afinco nos próximos meses para que a incorporação boliviana se dê o mais rápido possível.

Agradeço o apoio boliviano à aspiração do Brasil de ocupar assento permanente em um Conselho de Segurança reformado, mais democrático e representativo.

Continuaremos a trabalhar juntos, no âmbito do G-20, em favor da liberalização do comércio internacional de produtos agrícolas. Somente unindo nossos esforços lograremos avanços reais para os países pobres e em desenvolvimento na Rodada de Doha.

A presença do presidente Evo demonstra que Bolívia e Brasil estão determinados a levar adiante os projetos e sonhos comuns que nos unem.

Tivemos mais uma ocasião para reafirmar a nossa disposição de transformar desafios em oportunidades para intensificar ainda mais a integração política, econômica, social e cultural entre os nossos países e populações.

Estou certo de que o presidente Morales, como eu, estará empenhado em tornar nosso projeto realidade.

Meu querido amigo Evo Morales,

Companheiros da Bolívia,

Companheiros brasileiros,

Eu penso que nós não deveríamos terminar essa reunião – e depois terá entrevista dos ministros de Minas e Energia da Bolívia e do Brasil – compreendendo esta reunião apenas como assinatura de protocolos ou de acordos. Seria muito pouco diante daquilo que pretendemos estabelecer enquanto parceria estratégica com a Bolívia e com os países da América do Sul e da América Latina.

O nosso propósito de estabelecer essa parceria estratégica tem uma

mudança importante no comportamento do Brasil em relação aos seus parceiros da América do Sul e, certamente, tem uma mudança também dos nossos parceiros da América do Sul com relação ao Brasil. Não somos os imperialistas que alguns dizem que somos, não somos hegemônistas como alguns querem que sejamos mas, sim, somos um país que tem a compreensão de que, pela sua dimensão, geográfica, pela sua importância econômica, pelo seu desenvolvimento científico e tecnológico, não tem que disputar espaço com nenhum país irmão. Temos sim que prestar solidariedade, estabelecer parceria e compreender que são os países mais fortes economicamente, mais desenvolvidos do ponto de vista científico e tecnológico, mais desenvolvidos do ponto de vista industrial, que têm que ter a generosidade de compreender que os acordos bilaterais ou os acordos do bloco do Mercosul sempre têm que levar em conta as necessidades das economias menores, para que possamos viver num continente de paz, onde reina a democracia e onde o povo possa, definitivamente, conquistar sua cidadania.

Ontem apresentamos ao presidente Evo e aos seus ministros, um projeto que eu considero extraordinário para o desenvolvimento da Bolívia e do Brasil, em parceria certamente da parte brasileira da Petrobras e da Braskem, e em parceria com a Bolívia, com um pólo gás químico construído na fronteira dos dois países para gerar riquezas, para melhor explorar o potencial do gás da Bolívia e fazer com que o gás não seja apenas um produto de exportação, mas um produto de geração de emprego e renda para o trabalhador boliviano e o trabalhador brasileiro.

A Petrobras está discutindo e já mandou técnicos à Bolívia, na perspectiva de construção de uma usina de biodiesel. E aí, companheiro Evo, eu queria lhe dizer que a experiência que estamos tendo no Brasil é que o Programa do Biodiesel pode significar uma possibilidade extraordinária de gerar empregos para a gente do campo na Bolívia. Eu espero que um dia possa visitar o Brasil e eu te levar em algumas usinas que estão produzindo biodiesel de várias oleaginosas, para que você pense com seus técnicos qual a melhor para produzir na Bolívia.

Esteja certo que o mundo, nos próximos 15 ou 20 anos, se curvará aos bioscombustíveis; esteja certo que o mundo desenvolvido vai precisar muito mais dos países do Terceiro Mundo, como eles costumam chamar, dos países

da América Latina, dos países da África, do que já precisaram. Houve o tempo da exploração do diamante, do cobre, do ouro, houve o tempo de muitas outras explorações das grandes potências em relação aos países mais pobres.

O biocombustível é a possibilidade dos países mais pobres conquistarem a sua soberania econômica, porque não é preciso ajuda de governo de países ricos. O que nós queremos são projetos e financiamentos para que o povo pobre da América Latina possa trabalhar e, com o resultado do seu trabalho, pagar a dívida que nós contraímos para desenvolver os nossos países.

Quero que saiba, companheiro Evo, que estou mais quatro anos na Presidência do Brasil, com a total disposição de fazer com que o nosso relacionamento nesses quatro anos possa avançar mais do que avançou em décadas, porque os nossos governantes viviam de costas uns para os outros, nos vendo como inimigos, ao invés de se verem como parceiros.

Reconheço de público a justeza de todos os pleitos bolivianos para melhorar a condição de vida do seu povo. Nem sempre poderei atender todas as demandas, mas saiba, companheiro Evo, que toda vez que me encontro contigo, eu não esqueço que somos chefes de Estado de países soberanos, que precisamos agir como chefes de Estado, cada um em defesa do seu país, mas antes de ser presidente da República, você na Bolívia e eu aqui no Brasil, nós éramos companheiros do movimento sindical e não podemos permitir que essa nossa primeira relação seja diminuída porque hoje somos presidentes, porque nós estamos presidentes, o que nós somos mesmo é trabalhadores e quando terminar o nosso mandato poderemos nos encontrar, em qualquer parte do mundo, e dizer que governamos pensando nos mais pobres, em fazer justiça social, e poderemos nos encontrar de cabeça tranqüila, muitas vezes sabendo que não fizemos tudo que queríamos fazer, mas que fizemos tudo que foi possível fazer.

Eu te desejo toda sorte do mundo e que possas concretizar na Bolívia grande parte dos sonhos que carregastes durante toda a tua vida antes de chegar à Presidência da República.

Meus parabéns e muita sorte à Bolívia e ao Brasil.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração da nova central de atendimento telefônico da empresa Atento**

**São Paulo - SP, 16 de fevereiro de 2007**

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu caro vice-governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,

Meus queridos companheiros deputados federais,

Nosso querido companheiro Eduardo Suplicy,

Meu caro Antonio Carlos Valente, presidente do Grupo Telefônica,

Meu caro Agnaldo Calbucci, presidente da Atento-Brasil,

Meu caro Pedro Villar, presidente mundial do grupo Atento,

Meu caro Edilson de Paula, presidente estadual da Central Única dos Trabalhadores,

Meu caro Danilo Pereira da Silva, presidente estadual da Força Sindical,

Nossos queridos companheiros da imprensa, empresários, clientes da Atento, da Telefônica,

Minhas queridas moradoras daqui, Penélope e Quévia. Aliás, Villar, você precisa tomar cuidado porque a menina que falou aqui, se continuar galgando os degraus que ela for galgar, você vai perder o teu cargo na Atento, você precisa se cuidar.

Bom, meus queridos jovens trabalhadores e trabalhadoras da Atento, este é o quarto momento que eu vivo na inauguração de um call center por este País afora, e cada vez que eu vou visitar, inaugurar ou conhecer um call center, eu volto para casa imaginando se vocês não poderiam servir de exemplo para milhões e milhões de outras meninas e de outros meninos que ainda não tiveram a oportunidade de ter o seu primeiro emprego e que, portanto, têm o segundo emprego ainda muito mais distante.

A razão pela qual eu quis vir participar desta festa da Atento e conhecer por dentro o que vocês estão fazendo, foi a inquietação e a angústia que eu vivi na semana passada quando, no Rio de Janeiro, um jovem praticou um ato da

maior barbaridade, arrastando uma criança por vários quilômetros, matando aquela criança.

Quando acontece uma coisa que choca a todos nós, e de vez em quando acontece, não é regra, é exceção, mas acontece, muitas vezes as pessoas querem fazer justiça com as próprias mãos. E eu digo sempre que é exatamente nesses momentos que nós precisamos não permitir que apenas a emoção aja, mas que prevaleça a razão, porque eu, não como presidente da República, mas como ser humano; o Villar, não como presidente da Atento, mas como ser humano; o Goldman, não como vice-governador, mas como ser humano; e qualquer companheiro deputado ou qualquer um de vocês, a gente pode reagir emocionalmente e fica imaginando: e se a gente estivesse naquele lugar, naquele instante, e a gente pudesse fazer alguma coisa, o que a gente faria? Certamente nós faríamos quase que a mesma barbaridade que ele fez com aquela criança.

Eu vi muita gente querendo vingança a curto prazo e eu dizia: o Estado não pode reagir emocionalmente, o Estado precisa agir com as razões de toda a sua estrutura de Estado, para que possamos criar mecanismos para evitar que isso aconteça e, ao mesmo tempo, que a gente puna exemplarmente para não permitir que gestos como esses voltem a acontecer.

E fiquei pensando nos milhões e milhões de jovens da idade de vocês que moram nesta cidade, neste estado e neste País e que por uma razão qualquer não tiveram o bom encaminhamento na vida que vocês tiveram. Certamente, menos por culpa desse próprio jovem mas, quem sabe, por culpa de erros cometido pelo Estado brasileiro ao longo da sua história de não dar à juventude brasileira a atenção necessária para que ela pudesse significar definitivamente o futuro da nação.

É importante lembrar, é muito importante lembrar, que faz mais de 26 anos que a economia deste País não cresce o suficiente para gerar a quantidade de empregos e a distribuição de renda que nós precisamos. E muitos desses jovens que hoje estão presos são jovens de 24 anos de idade, de 20 anos de idade, que na época do “milagre brasileiro” não tinham nascido ainda, mas que na década de 80 já tinham três, quatro anos de idade. Eles são, na verdade, o resultado de um momento longo, de quase 25 anos, em que

o Estado brasileiro não cumpriu com as suas funções para com a grande parte do seu povo.

Então, eu fico me perguntando se seria justo punir apenas quem cometeu a barbaridade e esquecer de fazer a punição a quem é culpado por esses jovens terem chegado a essa situação. Porque são milhões de jovens que levantam de manhã, que moram mal, que foram desestimulados por qualquer razão a parar de estudar, que não têm perspectiva do emprego.

Eu fico imaginando que se a gente aceitar a diminuição da idade de puni-los para 16 anos, amanhã estarão pedindo para 15, depois para 9, depois para 10. Quem sabe, algum dia, queiram punir até o feto, se já soubermos o que vai acontecer no futuro.

Eu vim aqui para dizer que a cara do Brasil não é aquele jovem que cometeu aquela barbaridade. A cara do Brasil são vocês, é você que falou aqui neste microfone. Foi você que mostrou aqui, abraçou a chance que te deram e que ainda não quer parar, quer fazer muito mais. Porque você é nutrida pelas vitórias que você já obteve e por isso você quer conquistar mais.

Nós precisamos ter a compreensão de que o ser humano é tocado a esperança. Nós precisamos acordar todos os dias e ter certeza de que amanhã vai acontecer alguma coisa boa para nós. Muito simples de falar e muito difícil de fazer. E é por isso que o desafio não é do prefeito Gilberto Kassab, do governador Serra, do presidente Lula, dos empresários ou do movimento sindical, a responsabilidade, na verdade, é de 190 milhões de habitantes, porque todos nós, direta ou indiretamente, temos um “quezinho” de responsabilidade pelo Brasil não ter dado, no tempo certo, as coisas que poderia ter dado. Nós não conseguimos alfabetizar no tempo certo, nós não conseguimos fazer a reforma agrária no tempo certo, ou seja, o Brasil vem sempre caminhando atrás da conquista de outros países e nós precisamos levantar a cabeça para compreender que o Brasil precisa dar um salto de qualidade. E vocês são a esperança, porque vocês não aparecem na televisão, vocês não aparecem no jornal. Uma história bonita como essa que você contou aqui não aparece, se você tivesse cometido um delito, apareceria na televisão.

Então, é preciso que a gente aprenda que o Brasil não é feito apenas de coisas ruins, o Brasil tem coisas extraordinárias acontecendo neste País e nós precisamos mostrar até para que sirva de incentivo a outras pessoas que estão

dentro de casa desesperançadas, jovens que levantam de manhã, dormindo, cozinhando, fazendo as suas necessidades num quarto de 3x3, repartindo espaço com rato, com córrego, sabendo que seus amigos têm computador e que ele não tem, sabendo que seus amigos têm televisão e ele não tem, sabendo que seus amigos têm computador e ele não tem. Qual é a esperança?

Muitas vezes, assistindo dentro de casa a família totalmente desestruturada, é filho que não respeita pai, é pai que não respeita filho, é mãe que briga com pai, é pai que briga com mãe. Qual é a esperança que tem esse jovem? Diferente de quando a gente se levanta e a família da gente está em harmonia, que a gente sai para trabalhar sabendo que está tudo bem dentro de casa, a gente volta do trabalho sabendo que vai encontrar o aconchego, vai encontrar um cafuné da nossa família quando voltar para dentro de casa.

É isso que permite que o País encontre o equilíbrio que todos nós precisamos para recuperar o tempo perdido, porque são décadas e décadas em que as coisas não aconteceram neste País.

Pois bem, eu estou dizendo isso para dizer para os jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras, que este País está tendo mais uma chance e todos vocês sabem que em raríssimos momentos da história deste País nós tivemos condição de dar um salto de qualidade tão favorável como nós estamos agora. Está tudo preparado, a mim não importa o discurso que façam os que me defendem ou que faça a oposição, aliás, eu acho que essas coisas fazem parte da democracia e a gente nunca pode achar ruim. Qualquer que seja a crítica é preciso que a gente olhe para a frente e veja o que pode acontecer.

Eu quero dizer par vocês, meus caros da Telefônica, da Atento, que está para acontecer uma outra revolução neste País. Eu disse durante a campanha e disse depois da posse que até o final deste mandato, em cada município deste País, nós teremos Internet banda larga, em cada um dos quase 6 mil municípios deste País. Eu disse que em cada cidade-pólo deste País terá uma extensão universitária e terá uma escola técnica profissional para formar a mão-de-obra da juventude brasileira.

E eu disse que nós vamos aumentar a quantidade de alunos no ProUni, que este ano aumenta praticamente mais 100 mil jovens, e nós pretendemos, inclusive, Goldman, resolver o problema de dívida das universidades privadas, trocando a dívida por uma bolsa. Tem universidade que deve 10 ou 15 anos ao

governo, não vai pagar mais. Então, se não tem dinheiro, pague com a bolsa, nos entregue de volta um doutor, nos entregue de volta uma pessoa formada que já está resolvido esse problema. Porque o momento é exatamente este.

Eu tenho dito, todo santo dia quando converso com os deputados, vou dormir todo santo dia sabendo que este País já jogou fora dezenas de oportunidades. Na história do Brasil nós já tivemos momentos de ouro várias vezes em que, de repente, escapou pelo vão dos dedos dos governantes. E nós não temos o direito de permitir que mais uma chance fuja pelas nossas mãos. São milhões de meninas e meninos espalhados por este Brasil, que levantam todo santo dia na expectativa de que a sua oportunidade chegue. E cabe a nós criar as oportunidades.

Isso não vai acontecer num passe de mágica, isso vai acontecer num conjunto de políticas combinadas entre prefeituras, governos dos estados, governo federal, entre empresários e trabalhadores, entre empresários e governo, para que a gente comece a colocar na cabeça de cada jovem que a regra neste País não é a barbárie de um jovem menor que mata uma criança. Isso é exceção. A regra deste País são meninos e meninas que, como vocês, aprenderam desde cedo que é muito mais digno ganhar o pão de cada dia trabalhando honestamente e que vocês só precisam de uma oportunidade, se a tiverem, não largarão, e correrá até risco para os presidentes das empresas de vocês tomarem o lugar deles, porque vocês podem chegar lá. E graças a Deus, no Brasil, pode. Se um metalúrgico conseguiu sair de dentro de uma fábrica e virar presidente da República, se companheiros dentro do Banco do Brasil, que começaram como ajudante do almoxarifado, chegaram a presidente do Banco do Brasil, significa que neste País nós podemos tudo, basta que a gente tenha a força dessa menina que aqui falou, que a gente acredite, antes de tudo, em nós mesmos, e que a gente não desista nunca, porque o amanhã não será construído pelo nosso vizinho, será construído por nós, com a força que nós temos dentro de nós.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, hoje é um dia em que eu vou me deitar, quando chegar em São Bernardo, gratificado. Gratificado porque de vez em quando a gente vê a televisão mostrar quatro, cinco, seis, dez, 20 jovens desencaminhados mas que, na minha opinião, ainda têm chance. Mas eu hoje tive a oportunidade de ver, num pequeno espaço, onde

era uma fábrica de café, se não me falha a memória era o café Seletto, uma fábrica antiga, que poderia, como outras tantas, serem destruídas, mas os avanços tecnológicos, o crescimento do setor de serviço mostrou que neste lugar tem mais gente, tem mais brasileiros e brasileiras trabalhadores, de boa fé, de esperança, com vontade de vencer na vida do que qualquer outra fotografia que queiram mostrar daqueles que estão desencaminhados.

Vocês, no fundo, no fundo, significam o Brasil, a cidade de São Paulo e o estado de São Paulo que nós queremos construir.

Que Deus abençoe a todos vocês e meus parabéns à Atento.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
Assinatura de Atos e Declaração à Imprensa**

**Montevideu - Uruguai, 26 de fevereiro de 2007**

Senhores ministros de Estado do Uruguai,

Senhores ministros brasileiros, que me acompanham nesta viagem ao Uruguai,

Caros companheiros embaixadores do Uruguai no Brasil e do Brasil no Uruguai,

Assessores,

Companheiros jornalistas uruguaios e jornalistas brasileiros,

Eu quero crer que os acordos assinados pelo ministro Celso Amorim, em nome do governo brasileiro, e pelo ministro Silas Rondeau, em nome do Brasil, demonstram claramente uma afirmação que eu fazia ainda no primeiro mandato de Presidente da República. Eu dizia que, no âmbito da política internacional, o primeiro mandato é um aprendizado, em que a gente descobre que, muitas vezes, não basta o discurso, muitas vezes não basta a vontade política, é preciso que utilizemos uma espécie de destravamento das normas que a burocracia histórica de cada país criou no tempo em que não tínhamos um mundo globalizado e aberto como temos hoje.

A minha vinda ao Uruguai, o encontro com o companheiro Tabaré – companheiro que eu conheço antes de ser Presidente e que me conhece antes de eu ser Presidente –, o encontro com companheiros uruguaios que, historicamente, mantêm relação com o Brasil, seja nos dando solidariedade em momentos difíceis, seja recebendo solidariedade em momentos difíceis. Durante a década de 70 e uma boa parte da década de 80, não tinha um uruguaio ou um brasileiro que não houvesse participado da vida política dos nossos países, que não tivesse estado num ato de solidariedade ao povo uruguaio, de um lado, e ao povo brasileiro, de outro.

Hoje estamos aqui, não apenas em nome dessa velha amizade, em nome dessa relação extraordinária que eu tenho com o povo uruguaio desde o

tempo em que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, e que mantinha uma relação excepcional com os companheiros da PIT-CNT. Nós estamos aqui, hoje, numa condição diferenciada. Estamos aqui como chefes de Estado do Uruguai e do Brasil para assinar acordos e fazer discussão política sobre o futuro do povo uruguaio, o futuro do povo brasileiro e, sobretudo, o futuro da integração definitiva da América do Sul e a consagração do Mercosul. Mercosul que, muitas vezes, tem sido vítima de incompreensões. Mercosul que, muitas vezes, é criticado sem que façamos uma análise histórica da política do nosso Continente e da política dos nossos países. Mercosul que, muitas vezes, é olhado como se fosse algo insignificante e, por conta desse olhar, não se percebe o quanto já avançamos nessa relação entre os países que compõem o Mercosul.

Precisamos avançar mais? Precisamos. E muito mais, sobretudo se países de economias maiores, se países de populações maiores, se países de macroindustrialização levarem em conta que uma integração latino-americana, uma integração asiática ou uma integração europeia só vai se consolidar quando os acordos propostos forem justos para ambos os países. Política internacional é sempre uma via de duas mãos, é preciso que a gente venda, mas, sobretudo, é preciso que a gente compre. O comércio exterior importante não é aquele em que um país tem uma grande vantagem na balança comercial contra o outro, ou aquele em que o país é altamente desenvolvido e o outro não é altamente desenvolvido. A relação exterior, o comércio exterior importante é aquele em que temos um equilíbrio, que a gente possa vender, que a gente possa comprar e as duas partes se dêem por satisfeitas e felizes com o tipo de relação que estamos tendo. Se houver imposição de uma economia sobre a outra, se não se levar em conta as assimetrias existentes entre os países que compõem o Mercosul... É por isso que a União Europeia levou quase 50 anos para chegar onde chegou, e para chegar onde chegou teve que gastar bilhões e bilhões de marcos, de dólares, para que pudessem equilibrar os países mais pobres. É importante lembrar o que foi feito com Portugal, o que foi feito com a Grécia, o que foi feito com a Espanha, o que está sendo feito agora com os irmãos mais pobres da Europa, que estão entrando agora para fazer parte da União Europeia. Porque se não houver a decisão de garantir o equilíbrio, não haverá Mercosul, não haverá União

Européia e não haverá nenhum acordo internacional.

O desafio para nós é um desafio econômico, mas, sobretudo, é um desafio de compreensões políticas que ainda falamos com muita facilidade no discurso mas que, na prática, acontecem de forma muito mais demorada.

Eu vim aqui, hoje, para dizer ao presidente Tabaré, para dizer aos seus ministros, para dizer aos ministros brasileiros e à imprensa do Brasil e do Uruguai, que o Brasil tem que assumir a sua responsabilidade de maior economia do Mercosul e, portanto, o Brasil, sem fazer nenhum favor, precisa criar as condições para que o comércio seja o mais equilibrado possível e para que o desenvolvimento também seja o mais equilibrado possível. Se nós quisermos vender ônibus ao Uruguai é preciso criar condições para que uma parcela, uma partícula desses ônibus seja produzida aqui no Uruguai. Se nós queremos criar TV digital junto com o Uruguai é preciso que parte desse processo se dê com a participação uruguaia. Se nós quisermos fazer com que o biodiesel se transforme numa matriz energética na área de combustível é preciso partilharmos isso com os nossos irmãos uruguaios. Se nós quisermos que o Uruguai participe do Mercosul, Paraguai, Venezuela, Bolívia e todos os países em igualdade de condições, nós precisamos fazer com que os nossos empresários também compreendam que eles precisam fazer parcerias, sobretudo naqueles setores em que nós precisamos dinamizar os nossos conhecimentos tecnológicos, para que tenha sentido os blocos que estão sendo criados no mundo.

Eu disse ao presidente Tabaré que o primeiro mandato foi um aprendizado, um segundo mandato é para concretizar as coisas que eu acredito. E as coisas que eu acredito são as coisas em que ele acredita, são as coisas em que Kirchner acredita, são as coisas em que qualquer país do mundo acredita nas suas relações internacionais. É preciso criar condições para que as oportunidades se dêem em todos os países. É preciso tomarmos consciência de que um país da dimensão do Brasil precisa comprar dos países menores e facilitar a vida desses países menores, levando em conta as assimetrias existentes entre nós. Se não for assim, iremos apenas disputar as grandes economias do mundo e as menores ficarão afastadas do processo.

É importante levar em conta o que o Uruguai já representou na economia deste continente e, sobretudo, como foi conhecido o Uruguai na

década de 60. Eu me lembro que eu ainda ouvia falar da Suíça da América Latina, tal era o poder econômico deste Estado, que tinha uma renda *per capita* comparada com a renda *per capita* de outros países. E, como no Brasil e em qualquer outro país da América do Sul, por políticas desajustadas de ex-dirigentes nossos, o nosso povo, nas últimas duas décadas, sofreu muito e está padecendo até hoje.

O nosso papel, neste instante, é fazer os acordos que possam começar a ser uma espécie de reviravolta numa relação difícil, que sempre existiu na maioria dos países, até porque nós todos, na América do Sul, éramos voltados apenas para os Estados Unidos ou para a União Européia, e nos esquecíamos de discutir o potencial de trocas entre nós. Não discutíamos com muita facilidade a integração física, a integração política, a integração cultural, a nossa relação, eu diria, até uma relação emocional que existe entre brasileiros e uruguaios, brasileiros e argentinos, brasileiros e paraguaios, brasileiros e chilenos, brasileiros e bolivianos.

Eu estou convencido, presidente Tabaré, ministros uruguaios e ministros do Brasil, de que saio daqui com a convicção de que os protocolos que assinamos significam um passo extremamente importante para que a gente possa, daqui a algum tempo, dar passos ainda mais ousados. Eu sei que tem muita gente que não acredita nisso, mas sei, também, que esses que não acreditam, acham que todos nós deveríamos estar subordinados apenas às grandes potências quando se trata de comércio. Eu acho que é preciso olhar o que aconteceu com as nossas economias e com o nosso povo no século XX para que a gente não erre no século XXI. O século XXI pode ser transformado, por nós, no século das oportunidades, pode ser transformado por nós no século da responsabilidade, para que façamos aquilo que não sabíamos fazer algum tempo atrás. Eu tenho dito publicamente: a relação que o Brasil pretende ter no Mercosul, na América do Sul e na América Latina, nunca será uma relação de hegemonia, mas uma relação de parceria, onde prevalecerá a nossa relação democrática, o respeito à soberania de cada povo, mas, sobretudo, a certeza de que essa soberania estará subordinada à esperança que nós conseguimos produzir na cabeça de cada homem e de cada mulher dos nossos países de que o que estamos fazendo será melhor para o nosso povo.

Digo isso porque na próxima semana o presidente Tabaré estará recebendo o presidente Bush, e eu estarei almoçando com ele, em São Paulo. Certamente, o presidente Tabaré vai discutir os interesses do Uruguai com relação aos Estados Unidos, e eu, particularmente, quero discutir os problemas dos biocombustíveis com o presidente Bush. A relação do Mercosul não impede que isso aconteça. É preciso que cada país cuide de seus interesses, levando em conta que nós temos regras que nos obrigam, enquanto Mercosul, a ter determinado procedimento, mas sem tolher a liberdade de cada país de fazer os negócios de acordo com os interesses soberanos desse país.

É assim que o Brasil negocia com a China, é assim que o Brasil negocia com a União Européia, é assim que o Brasil negocia com os Estados Unidos, é assim que o Brasil negocia com o Uruguai e o Uruguai negocia com o Brasil. Essa soberania, para ser mantida, tem que ser imbuída de uma coisa extraordinária, que é a nossa relação democrática, a nossa relação política e, sobretudo, a nossa relação cultural.

Saio daqui, companheiro presidente Tabaré, convicto de que, nestes próximos quatro anos, como presidente do Brasil, irei contribuir muito mais do que contribuí nos quatro anos que passaram, porque já sei onde estão os defeitos das nossas relações internacionais, já sei onde as coisas andam e onde as coisas não andam e, por isso, acho que vamos ter muito mais facilidade. Inclusive, para fazer com que o Congresso uruguaio, o Congresso brasileiro e o Congresso de todos os países que compõem o Mercosul levem em conta que precisam tratar as questões internacionais diferentemente das disputas internas que temos com os projetos nacionais.

O presidente Tabaré sabe que um exemplo que estou dando é a ponte do rio Jaguarão, que já estamos discutindo há muito tempo e que precisa passar ainda pelo Congresso uruguaio e pelo Congresso brasileiro. Cabe a nós dois convencer os nossos congressistas de que essa ponte é extremamente importante para o futuro promissor da relação entre Uruguai e Brasil. Sabe o presidente Tabaré do nosso interesse de que o Uruguai entre, de uma vez por todas, na política do biocombustível. Eu estou convencido, Tabaré, de que nos próximos 15 ou 20 anos, o mundo inteiro estará tendo mudança na sua matriz energética. E eu penso que o biocombustível para América do Sul e para América Latina é uma coisa extraordinária, sobretudo

para ajudar os pequenos e médios produtores dos nossos países.

Mas não falo isso porque acho que somos países agrícolas, penso o mesmo para a TV digital. É por isso que, quando fizemos o acordo com os japoneses, nós colocamos no acordo a necessidade de uma fábrica de semi-condutores no Brasil, para que a gente pudesse partilhar a construção do processo de TV digital com os países que compõem o Mercosul, porque só assim a gente vai fazer com que essa relação seja mais justa, mais igualitária e todos possam usufruir do sucesso que nós obtivermos.

Meus agradecimentos pela oportunidade de conhecer este belo espaço e saber que esta Casa foi doada por um cidadão argentino que aqui veio morar e que, antes de morrer, doou a casa para o governo do Uruguai. Eu, sinceramente, gostaria de ter uma Anchorena no Brasil, que alguém fizesse uma doação desta para que o presidente do meu país pudesse descansar. Fomos tratados aqui com um carinho excepcional e eu espero um dia poder retribuir, quando fizermos outro acordo no Brasil. Nunca vou te oferecer uma casa como esta. No máximo, o conforto e o aconchego da Granja do Torto ou do Palácio do Alvorada, no máximo isso. Mas pode ficar certo de que o meu carinho e o da minha mulher, do povo brasileiro e dos meus ministros será o mesmo que nós recebemos aqui.

Meus parabéns e muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da fábrica de resina PET do Grupo Mossi & Ghisolfi**

**Ipojuca-PE, 28 de fevereiro de 2007**

Meu caro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco, e sua senhora Renata Campos,

Senhor Vittorio Ghisolfi, presidente do Conselho Administrativo do Grupo Mossi & Ghisolfi,

Senhor Michele Valensise, embaixador da Itália no Brasil,

Meu caro companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento Indústria e Comércio; Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia; Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo,

Deputada Ana Arraes, deputado Marcos Antonio Ramos da Hora, deputado Eduardo da Fonte, deputado Fernando Ferro, deputado Gonzaga Patriota, deputado José Múcio,

Meu caro amigo Ariano Suassuna,

Meu caro João Lyra Neto, vice-governador de Pernambuco,

Nosso querido companheiro Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Nosso querido companheiro Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste,

Nosso querido companheiro João Paulo Lima, prefeito de Recife,

Meu caro Pedro Serafim de Souza Filho, prefeito de Ipojuca,

Meus companheiros prefeitos e secretários de Estado aqui presentes,

Meu caro Humberto Costa, secretário Estadual das Cidades,

Meu caro Fernando Bezerra Coelho, secretário de Desenvolvimento Econômico e presidente do Porto de Suape,

Meu caro Sérgio Goiana, presidente da CUT,

Empresários,

Jornalistas,

Amigos e amigas,

Eu confesso que não vou fazer discurso aqui, vou apenas agradecer à MG por essa confiança no nosso País.

O que estamos fazendo aqui, hoje, é participando da realização de um sonho. Eu me lembro quando, em 2004, o ministro Humberto Costa entrou na minha sala – ele era então ministro da Saúde – com um grupo de italianos dizendo que iam construir uma fábrica de PET aqui no estado de Pernambuco, e eu, imediatamente, pedi para que esse grupo se dirigisse ao Ministério da Indústria e Comércio, porque eu não sabia por que o ministro da Saúde estava cuidando de uma fábrica de PET. Mas o dado concreto é que, dois anos depois, estamos aqui inaugurando a maior fábrica de PET do mundo.

Isso demonstra que há uma combinação perfeita entre o interesse empresarial de investir no nosso País e o interesse do governo federal e do governo estadual, mais a prefeitura, de criar as condições para que essas indústrias possam se instalar no estado de Pernambuco, no Porto de Suape, e serem empresas competitivas, com um mundo cada vez mais globalizado e cada vez mais competitivo. E eu penso que essa é uma cena que vai se repetir daqui para a frente no Brasil.

Nós todos estamos convencidos de que o Brasil, que durante décadas deixou de utilizar a palavra crescimento como razão de ser da existência dos governantes, assume agora a responsabilidade de fazer do crescimento a mola mestra pela qual as outras coisas irão acontecer no nosso País. As condições estão dadas: o Brasil está preparado, a confiança do mundo empresarial, interna e estrangeira, é muito grande no Brasil, a disposição do governo de fazer todas as coisas possíveis de serem feitas para atrair investimentos serão concretizadas e a vontade dos governadores para que empreendimentos como este se espalhem pelo território nacional. Eu penso que a economia vive um momento de solidez que pode significar um atrativo enorme para as pessoas de outros países acreditarem que o Brasil é um porto seguro para os seus investimentos, sobretudo num momento em que a gente discute, no Brasil, dois assuntos da maior gravidade.

A imprensa hoje, em todo o território nacional, e na televisão, ontem à noite divulgou pesquisa mostrando o envolvimento de jovens de 18 a 24 anos como vítimas da violência, jovens esses que são resultado de décadas de

políticas econômicas que não surtiram os efeitos causadores de esperança e expectativa. Portanto, esses jovens são vítimas de erros cometidos no passado e nós temos a responsabilidade de evitar que os futuros adolescentes sejam vítimas dos mesmos erros de que esses foram agora.

Não tem solução imediata e ninguém pode ficar apenas querendo encontrar quem é o culpado por essa situação. Tem muitos culpados, tem muitas causas, todo mundo sabe o diagnóstico e é preciso que assumamos a responsabilidade, não apenas enquanto prefeito, governo estadual, governo federal, mas enquanto sociedade brasileira. Esse não é um problema de um governo e não é um problema apenas de governo, esse é um problema da sociedade brasileira como um todo e envolve os 190 milhões de habitantes. Precisamos encontrar as soluções para evitar que o Brasil continue a ser visto nas páginas dos jornais como um país que tem muita violência.

E tem uma segunda coisa que pode resolver esse problema, que é a combinação do investimento em educação e do investimento na geração de empregos. Sem investimentos em educação, com a formação profissional da nossa juventude, e sem a possibilidade de ter emprego, esse problema só tende a crescer, e não a diminuir. Portanto, meu caro governador Eduardo Campos, meus caros prefeitos aqui presentes, empresários e jornalistas, esse assunto é muito sério e é um problema, Eduardo Campos, que nós vamos ter que enfrentar juntos.

Não adianta alguém ficar procurando de quem é a responsabilidade, o mal já está feito. Agora, o que nós precisamos é acabar com uma situação que não é motivo de orgulho para nenhum de nós. E quando participamos de uma fábrica como esta, que sabemos que vai gerar oportunidade de emprego, que vai precisar de mão-de-obra qualificada, nós saímos daqui com a convicção de que esse é o caminho que nenhum de nós pode deixar de percorrer se quisermos resolver os problemas graves que estão acontecendo no nosso País.

Eu estou convencido de que outros empresários virão para o Porto de Suape. Agora mesmo vamos para a Petrobras lançar a pedra fundamental de um pólo de PTA e eu espero que na medida em que haja um trabalho combinado entre governo do estado, governo federal, prefeitos desta cidade, nós tenhamos condições de transformar, ainda no mandato do governador

Eduardo Campos, o Porto de Suape num porto dos mais competitivos do nosso País e num porto que justifique a sua existência, porque aqui nós temos todas as condições e estamos perto de muitos dos mercados consumidores. Portanto, é preciso que a gente construa uma política de incentivo, a partir da prefeitura, do estado e do governo federal, para que isto aqui seja um atrativo excepcional para investidores que queiram investir no nosso País. Então, porquê, Eduardo, da minha alegria de estar aqui outra vez inaugurando uma fábrica.

Certamente, durante a sua gestão, eu virei muitas vezes ao estado de Pernambuco, porque eu acho que nós temos que recuperar em 4 anos o atraso a que este País foi submetido durante tantas décadas, e não se levou em conta a necessidade do crescimento.

Portanto, meus parabéns aos diretores da empresa, meus parabéns ao empresário Vittorio Ghisolfi. Eu tenho certeza, meu caro Vittorio, que depois da experiência deste pólo de PET aqui no Porto de Suape, quem sabe vocês estejam dispostos a participar de outros investimentos no Brasil, porque o Brasil trabalha fortemente para que sejamos a razão da integração dos países da América do Sul. Certamente, com o Brasil como a maior economia do nosso continente, com o maior potencial tecnológico do nosso continente, tenha a responsabilidade de consagrar essa integração. E essa integração vai exigir que muitas outras empresas participem desse processo, porque a América do Sul não jogará fora a oportunidade que está tendo no século XXI.

Nós perdemos metade do século XX e o século XXI é o século em que o Brasil e outros países da América do Sul têm que se consagrar enquanto economias fortes, enquanto sociedades produtoras e consumidoras e, ao mesmo tempo, nós queremos fazer parte desse mundo de negócios globalizado. O Brasil hoje está numa situação tranqüila, o Brasil hoje está com a balança comercial como jamais esteve, mas ainda é pouco, nós queremos mais, nós podemos mais e nós sabemos que tem mais espaço para o Brasil participar dessa economia globalizada e não jogaremos fora essa oportunidade.

Meus parabéns pela sua confiança no Brasil, parabéns ao governo do estado de Pernambuco, ao prefeito de Ipojuca e, sobretudo, meus parabéns ao

povo de Pernambuco, que ganha mais uma empresa e, portanto, mais emprego e menos gente sem esperança.

Um abraço e boa sorte.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Pólo Petroquímico de Suape**

**Ipojuca-PE, 28 de fevereiro de 2007**

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco, e sua digníssima esposa, Renata Campos;

Meu querido companheiro Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia; Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo;

José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras;

Companheiros deputados;

Companheiros representantes, o Fiocca e o Smith, do BNDES e do Banco do Nordeste;

Companheiros deputados, deputadas,

Empresários,

Secretários de estado,

Meu caro prefeito da capital, João Paulo,

Meus amigos e minhas amigas,

Uma coisa que eu considero da mais alta relevância, neste momento de lançamento da pedra fundamental do Pólo Petroquímico do Porto de Suape, é a demonstração que nós estamos dando de que estamos cumprindo aquilo que nos propusemos cumprir para tornar o Nordeste brasileiro igual ao restante do nosso País.

Quando nós falávamos e falamos em desenvolvimento regional, é porque um país da dimensão do Brasil precisa ser pensado globalmente. Mas para que esse globalmente exista de verdade, nós temos que pensá-lo regionalmente. E o papel do governo federal é criar condições para que todas as regiões do País tenham a mesma oportunidade de receber investimento, tenham a mesma oportunidade de se desenvolver e, portanto, tenham a mesma possibilidade de crescer, gerar emprego, distribuir renda, para que o

Brasil se torne um país mais equânime, para que o Brasil não seja um país de retirantes de regiões para regiões, o que num certo momento é importante mas, num segundo momento, parte desses retirantes é colocada como os párias nas grandes metrópoles brasileiras. E daí surge o crescimento da pobreza, surge o crescimento da violência, o crescimento da criminalidade, da marginalidade, da ausência de jovens nas escolas deste País. Para reverter isso é preciso que a gente pense o Brasil com 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, com as suas diferenças econômicas, com as suas diferenças políticas, com as suas diferenças culturais. E somente um governo que não é pressionado por aqueles que, durante muito tempo, determinaram onde iam ser os investimentos no Brasil, é que pode sair pelo Brasil espalhando projetos e criando em cada estado, em função das suas particularidades, as possibilidades de se desenvolverem.

Houve um tempo em que se dizia que a Petrobras era uma empresa tão poderosa que ela era uma verdadeira caixa-preta, ou seja, os presidentes da República nunca podiam discutir com a Petrobras o que fazer. Ora, a Petrobras é, realmente, uma empresa poderosa, haja vista o lucro da Petrobras publicado no último balanço, que aconteceu exatamente no dia em que eu estava negociando com o Evo Morales o preço do gás da Bolívia. Eu chego na minha mesa e está o lucro da Petrobras, de 28 bilhões e meio de dólares. Eu pensei: o Evo Morales vai entrar na minha sala com a manchete do jornal assim, e eu não tenho muito o que negociar.

Bem, o que está acontecendo de novidade nesse instante em que a Petrobras já não é mais uma empresa, uma caixa-preta, e por ser uma empresa que tem ações nas Bolsas de Valores de Nova Iorque, o governo não pode ter interferência em projetos de interesses nacionais.

Eu queria contar para vocês uma história. Na primeira discussão que nós fizemos sobre a refinaria no Nordeste brasileiro, havia dentro da Petrobras quem dissesse que o Brasil não comportaria uma nova refinaria, que o Brasil já tinha refinarias demais. Olhando o mapa do Brasil, a gente começava a perceber que a última refinaria no Nordeste era na Bahia, e depois a gente passava todos os estados brasileiros para chegar no Amazonas. Portanto, tinha um monte de estados, que ia do Amapá, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, que estavam

desprovidos das proximidades de uma refinaria, ou era servido pela Bahia, ou de um lado era servido por Manaus, além do Centro-Oeste, que é servido pelo estado de São Paulo, pelo estado de Minas Gerais.

Então, é importante dizer que foi uma decisão da Petrobras, junto com a orientação política do governo federal, que nós precisávamos construir uma refinaria no Nordeste brasileiro, e ela não está em Pernambuco porque eu sou pernambucano, ela poderia estar em outro estado, porque havia muitos pretendentes. Isso é que nem moça bonita, todo mundo quer casar, ou rapaz bonito, mas vai escolher um, e em algum momento ele vai escolher uma.

Então, nós tínhamos o Ceará, nós tínhamos o Espírito Santo, tínhamos o Maranhão, tínhamos o Rio Grande do Norte. Todo mundo dizia: eu tenho alguém que vai fazer a refinaria, eu tenho alguém. Chegou um momento em que eu disse o seguinte: quem trouxer o parceiro, vai ganhar a refinaria. O Rio de Janeiro queria construir na cidade de Campos uma refinaria, e o Rio já tinha refinaria. A gente começou, então, a discutir quem é que ia arrumar o parceiro.

O governador aqui era o Jarbas Vasconcelos, eu arrumei para ele ir falar com o presidente Chávez num encontro que nós tivemos aqui em Recife, entre o governo venezuelano e o governo brasileiro, e a partir daí, nós, em dezembro do ano passado, no dia 7 de dezembro, depois da Pedvesa e da Petrobras enrolarem a mim e ao Chávez o tempo inteiro, dizer que iam fazer, que não iam fazer, e que dava certo, porque são duas empresas poderosas, cada uma tem muito dinheiro e quer ganhar o máximo possível, e cada uma quer ter mais poder, o presidente Chávez e eu convocamos uma conversa em Brasília e decidimos a parceria definitiva entre Petrobras e Pedvesa. Portanto, este Pólo Petroquímico aqui é resultado desse primeiro sonho da refinaria e isso muda a história de Pernambuco, meu caro Eduardo Campos. Pernambuco vai entrar no rol dos estados que vão ser industrializados, Pernambuco não vai apenas depender do engenho da cana, Pernambuco agora vai participar da chamada indústria de ponta deste País, com a concretização deste Pólo. O nosso desejo é que as coisas aconteçam o mais rapidamente possível.

Quando viemos aqui anunciar a construção dos 10 navios, Eduardo Campos e eu tínhamos uma inquietação, procuramos os empresários e dissemos para eles: nós queremos ver a primeira estaca fincada no estaleiro, vir aqui, tem a festa bonita, a Petrobras sempre tem um coquetel ali atrás para

a gente, mas nós queremos ver, na verdade, é a estaca. Hoje eu perguntei para o Eduardo: e a estaca? Já estacaram, já estão metendo estaca para fazer o estaleiro.

Isso aqui, nós estamos lançando a pedra fundamental, não pensem que amanhã já vai ter obra, vai depender, meu querido Eduardo, do meio ambiente do estado de Pernambuco, da licença prévia, porque se der a licença prévia, nós já temos o projeto executivo e, quem sabe em abril, a gente já possa começar a remover a terra aqui. Aí sim, o Pólo começa a acontecer de verdade, porque vão fazer a terraplanagem, vão começar a construir as coisas, e em 2009 a gente já pode estar gerando emprego dentro da própria fábrica que vai ser construída aqui.

Então, esse é o dado. Ainda vão levar alguns meses para as máquinas começarem a trabalhar. Por enquanto vão ficar na parte de cuidar da legalidade do projeto, porque todo projeto começa pelo papel, a gente não pode prescindir do papel. O papel é o que vai carregar o projeto, depois nós precisamos transformar o projeto numa obra concreta, colocando dinheiro que os parceiros aqui parece que têm e, ao mesmo tempo, criando as condições para que a gente cumpra tudo o que a lei exige e faça uma fábrica moderna, produtiva, que transforme o Nordeste brasileiro numa região realmente industrializada, próspera, porque eu estou cansado, já tenho 61 anos de idade, sai daqui com sete anos, por causa da miséria, e não é possível que o Nordeste não tenha jeito. Eu acho que o Nordeste tem condições e tem um povo dos mais extraordinários.

Eu fui agora na Bahia, lançar uma fábrica da Nestlé, e ouvi do presidente da Nestlé, no discurso dele, que em nenhum país do mundo, de todos os países onde a Nestlé tem fábrica, tem trabalhadores com a facilidade de aprender e com a criatividade do trabalhador baiano. Agora, imaginem isso num estado em que o povo sabe dançar frevo! Se a parte da sociedade que dança samba, axé, que dança tango, que dança bolero, tem condições, imagina no único estado brasileiro onde o frevo é a menina dos olhos de quem gosta de uma boa folia, de quem gosta de uma boa música?

Então, eu estou convencido e quero falar para os empresários aqui que certamente vocês irão descobrir no estado de Pernambuco uma mão-de-obra da mais extraordinária capacidade, gente que terá muita facilidade de

aprender, porque esses meninos e essas meninas, que muitas vezes aparecem nas páginas de jornais como vítimas de crimes ou como pessoas que estão envolvidas na bandidagem deste País, o que está faltando para eles não é cadeia, o que falta para eles é criar oportunidades para terem esperança de que este País vai dar certo. Esse é o trabalho que nós temos que fazer, sem deixar de punir aqueles que cometeram barbaridades, sem deixar de punir aqueles que cometeram erros.

Mas é importante, eu vou repetir: antes da gente julgar aquele que cometeu o erro e achar que punindo está resolvido o problema, é um ledo engano. Se a gente não mudar para que este País comece a crescer, gerar empregos, melhorar a educação, criar oportunidades dessa meninada entrar na universidade e aprender uma profissão, se a gente não mudar isso, pode se colocar 10 vezes mais polícia do que você tem aqui em Pernambuco, que não se resolve o problema da violência, porque muitas vezes ela é uma questão de sobrevivência. E nós também precisamos levar em conta que isso não é regra, isso é exceção. A regra é um povo bom, ordeiro, trabalhador, esperançoso de oportunidade.

Portanto, José Sérgio, a contribuição que vocês estão dando com a refinaria aqui, com esse pólo petroquímico, é vocês dizerem ao povo nordestino que chegou, no século XXI, a vez que os nordestinos esperam há tantas décadas em que foram esquecidos neste País, em que não foram lembrados. Foram lembrados no tempo em que Juscelino Kubitschek pensou ou o Celso Furtado criou a Sudene e apresentou ao presidente Juscelino Kubitschek, foi pensado naquele tempo. Mas, fora isso, o Nordeste foi muito esquecido neste País, como o Norte foi muito esquecido neste País. Eu acho que está na hora da gente tentar equilibrar o desenvolvimento, porque todos nós somos brasileiros, homens, mulheres e crianças, e todos nós precisamos de oportunidades.

Esses dias, José Sérgio, eu estava em casa e ouvi um comentário, que eu até pensei em ligar para você. Um comentarista dizia que a Petrobras está fazendo investimentos atendendo aos apelos do presidente Lula e, portanto, muitas vezes a Petrobras está fazendo investimentos que têm causado problemas para ela. E ele citava o caso da P-55, 56 ou 57, que a Petrobras tinha os preços internos tão maiores. Eu acho que os preços vão crescer cada

vez mais e quanto mais a Petrobras quiser comprar uma plataforma, mais ela vai crescer, porque o mercado vai ficando cada vez mais saturado e cada vez mais vai ter que pagar um preço melhor.

Agora, veja que engraçado. Nessa análise econômica, em nenhum momento o analista deu uma explicação porque a diferença de uma plataforma contratada na Noruega, na Espanha, no Japão ou em Cingapura, ela pode significar 50 milhões de dólares mais barato, 60 milhões de dólares e tal. Agora, esse analista, será que não coloca na ponta do lápis e no papel dele, o que significa, ao invés de investir 800 milhões de dólares lá fora, o que significa investi-lo dentro do Brasil? O que ele dá de retorno em imposto, em salário direto ou indireto, o que ele gera de emprego? Será que as pessoas não têm sensibilidade? E nesse comentário, José Sérgio, sabe o que ele disse ainda? Pasmem Damian e Smith, pasmem: “Essa orientação do presidente Lula, está fazendo com que os bancos emprestem a juros mais baratos e o banco deixe de ganhar o que tem que ganhar”.

Eu resolvi contar esse caso, José Sérgio, porque isso faz parte da cultura política de um determinado grupo de gente no Brasil, que não pensa o Brasil como 190 milhões de habitantes, que não pensa o Brasil em todas as suas regiões, que não pensa o Brasil pensando em dar oportunidades para aqueles que não tiveram oportunidade, que não pensa o Brasil com as suas diferenças e as suas diversidades. Ele pensa o Brasil exatamente da cadeira em que ele está sentado, é o mundo dele, é o Brasil dele, é a cadeira em que ele está sentado e a fotografia que ele tem na frente, muitas vezes uma fotografia bonita quando, na verdade, este País só vai dar certo na hora em que a gente pensar nele com a totalidade dos seus problemas, com a totalidade das suas diferenças, com as peculiaridades de cada região, porque senão, nós vamos ter sempre um País mais rico, arrastando para lá gente pobre de outras regiões, pensando que vão ficar ricos e terminam morando em condições desumanas em favelas, repartindo o m<sup>2</sup> com baratas e com ratos. E não é esse o destino que nós queremos para o povo brasileiro, nós queremos que cada região tenha a sua chance, tenha o seu investimento, tenha a sua oportunidade para que o Brasil possa se transformar num país justo. E é isso que nós estamos fazendo aqui.

Este Porto de Suape, se não tiver uma implementação desse projeto de

desenvolvimento, vai ser um porto que vai ficar às moscas, e nós precisamos, enquanto governo federal, junto com governo estadual, pensar como transformar este Porto de Suape, o Porto de Pecém, o Porto de Itaqui, os portos desses estados do Norte e do Nordeste, que já existem, mas que muitas vezes estão esquecidos, nós temos, na hora de discutir projeto de desenvolvimento e investimentos estrangeiros aqui no Brasil, o Estado brasileiro precisa criar condições para que esse projeto se dirija para outras regiões do País, porque assim a gente vai contribuir para que o desenvolvimento cause, definitivamente, justiça social no nosso País.

Por isso que eu estou orgulhoso, José Sérgio, de saber que a Petrobras, pela sua grandeza e pela sua dimensão... os números da Petrobras são todos muito grandes, qualquer dia eu vou reivindicar para o salário do Poder Executivo entrar na folha de pagamento da Petrobras, para melhorar o nosso problema.

Mas eu estou vendo aqui empresários, estou vendo aqui a Braskem, que é uma empresa importante, e o Brasil precisa definir a sua política petroquímica, porque o Brasil pode ser um dos mais importantes países do mundo nessa área e nós não podemos mais pensar pequeno. Aquele que quiser ficar de lado chorando, aquele que quiser ficar reclamando, aquele que quiser achar que não vai dar cento, vá para o outro canto, eu só quero do meu lado aqueles que acreditam no Brasil, aqueles que pensam no Brasil e aqueles que querem investir no Brasil.

Meus parabéns Petrobras, parabéns Eduardo e parabéns ao povo de Pernambuco.